



FESTA DO BONFIM

A MAIOR MANIFESTAÇÃO RELIGIOSA POPULAR DA BAHIA





PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Dilma Rousseff

MINISTRA DA CULTURA
Ana de Hollanda

PRESIDENTE DO IPHAN
Luiz Fernando de Almeida

PROCURADOR CHEFE
Heliomar Alencar de Oliveira

DIRETORA DE PLANEJAMENTO E ADMINISTRAÇÃO
Maria Emília Nascimento

DIRETORA DE ARTICULAÇÃO E FOMENTO
Márcia Rollemberg

DIRETOR DE PATRIMÔNIO MATERIAL E
FISCALIZAÇÃO
Andrey Rosenthal Sclee

DIRETORA DE PATRIMÔNIO IMATERIAL
Célia Corsino

SUPERINTENDENTE DO IPHAN NA BAHIA
Carlos Amorim

COORDENADOR TÉCNICO DO IPHAN NA BAHIA
Bruno Cezar Tavares Sampaio

EQUIPE DE PESQUISA

COORDENAÇÃO DA PESQUISA
Edilece Couto

PESQUISA E TEXTO
Catarina Cerqueira
Edilece Couto
Fernanda Reis
Ivanirce Gomes Wolf
Milton Moura

ESTAGIÁRIOS
Maihara Marques
Luiza Campos
Eva Carvalho dos Anjos

REVISÃO E EDIÇÃO DE TEXTO
Ivanirce Gomes Wolf
Catarina Cerqueira

FOTOGRAFIAS
Arquivo do Terreiro Casa de Oxumarê
Edilece Couto
Horst Wolf
Marcelo Reis
Pierre Verger
Voltaire Fraga

REVISÃO ORTOGRÁFICA
Regina Helena Soares

PROJETO GRÁFICO
Walter Mariano

EDITORIAÇÃO
Leandro Marcondes
Marcia Meneses

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS:
João Legal Leal - IPHAN-BA
Luciana Veiga Moura - IPHAN-BA
Luisa Cruz do Nascimento - Terno de Reis Rosa Menina
Dra. Márcia Sant'Anna - UFBA
Nalva Santos - IPHAN-BA

Devoção de Nosso Senhor do Bonfim
Familia do Fotografo Voltaire Fraga
Fundação Pierre Verger
Terreiro Casa de Oxumarê
Terreiro Ilê Axé Tagenan

CAPA
Cortejo de Baianas – Foto: Voltaire Fraga

SUPERVISÃO TÉCNICA – IPHAN/BA

COORDENADORA DO NÚCLEO DE PATRIMÔNIO
IMATERIAL DO IPHAN NA BAHIA
Ivanirce Gomes Wolf

SUPERVISÃO TÉCNICA – DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO
IMATERIAL – DPI/IPHAN

COORDENADORA-GERAL DE IDENTIFICAÇÃO E REGISTRO
– DPI/IPHAN
Ana Gita de Oliveira

COORDENADORA DE REGISTRO – DPI/IPHAN
Claudia Vasques





Sumário

05	APRESENTAÇÃO
	DESCRIÇÃO DA FESTA
09	1.1 Os Componentes da Festa
09	a. A Novena
10	b. A Lavagem
11	c. Os Ternos de Reis
13	d. A Missa Solene
13	e. A Procissão dos Três Pedidos
14	f. A Segunda Feira da Ribeira
	FÉ E RELIGIOSIDADE POPULAR
15	2.1 Referências Históricas do Culto ao Nosso Senhor do Bonfim
15	a. A origem do Culto
17	b. O papel da Irmandade Devoção de Nosso Senhor do Bonfim
18	c. A cidade de Salvador e a construção da Igreja do Bonfim
21	d. Interior da Igreja
22	e. A origem da Lavagem do Bonfim
23	f. A proibição da Lavagem da Igreja do Bonfim
25	2.2 Fé, Promessas e Oferendas
26	a. Os ex-Votos
26	b. A medida do Senhor do Bonfim
28	2.3 Relatos da Festa
	A FESTA DO BONFIM NA CONTEMPORANEIDADE
35	3.1 O fluxo do Cortejo
39	3.2 O Cortejo chega ao Bonfim
44	a. A composição: quem participa da festa
45	b. A indumentária
46	c. A culinária
48	d. A música
50	3.3 Bonfim como tema de manifestações culturais e artísticas
51	3.4 As mudanças da Festa
53	3.5 A apropriação política da Festa
54	3.6 A gestão da Festa hoje
55	3.7 A Festa do Bonfim em outros lugares do Brasil e do mundo
	A FESTA DO BONFIM COMO OBJETO DE REGISTRO
64	RECOMENDAÇÕES DE SALVAGUARDA
67	FONTES
68	REFERÊNCIAS



Apresentação

O presente dossiê visa ao Registro da Festa de Nosso Senhor do Bonfim, principal manifestação religiosa popular dos baianos, como patrimônio cultural brasileiro. A Festa homenageia o Jesus Crucificado e acontece a 6 de janeiro, após a Epifania¹, no dia dedicado aos Santos Reis.

O culto ao Senhor do Bonfim, na Bahia, teve início na Igreja de Nossa Senhora da Penha, em 1745, quando o capitão de mar e guerra Theodosio Rodrigues de Faria trouxe de Portugal a imagem de Nosso Senhor do Bonfim e fundou a Irmandade Devoção do Nosso Senhor do Bonfim. A Igreja da Penha abrigou a imagem até a então criada Irmandade Devoção do Nosso Senhor do Bonfim conseguir angariar recursos para a construção de um novo templo. Em 1754, foi construída a capela do Senhor do Bonfim na Colina do Monte Serrat, posteriormente denominada de Colina do Bonfim ou Colina Sagrada.

Com o passar dos anos, o culto começou a atrair fieis de toda Salvador e também das ilhas da Baía de Todos os Santos e cidades do Recôncavo, extrapolando o espaço da Península de Itapagipe, onde está localizada a igreja, para ganhar as ruas da Cidade Baixa². A Festa do Bonfim transformou-se na principal festa religiosa de Salvador, mobilizando um grande contingente de participantes em torno do ciclo da Festa que é permeado por elementos que compõem o universo do sagrado e do profano.

Neste dossiê, o leitor encontrará uma descrição da Festa, do seu histórico, dos seus principais elementos constitutivos e uma análise das transformações ocorridas ao longo do tempo até chegar a uma análise da Festa na atualidade. O texto é composto de cinco partes. Na primeira parte, discorreremos sobre a estrutura da



Imagem de Nosso Senhor do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.

¹ A palavra epifania (do Grego epiphaneia: apresentação, aparição) é empregada pelo calendário litúrgico da Igreja Católica, para designar a apresentação de Jesus Cristo aos povos. Isso se deu com o conhecido episódio da visita dos Reis Magos ao Menino Jesus. A Festa da Epifania (ou Festa de Reis) ocorre no dia 06 de janeiro, finalizando o ciclo de festas natalinas.

² A cidade de Salvador implantou-se em dois planos topográficos distintos: a Cidade Baixa e a Cidade Alta. A Cidade Baixa é uma faixa estreita de terra, banhada pela Baía de Todos os Santos, zona comercial e portuária da cidade, onde se localiza a Península de Itapagipe.



Igreja do Bonfim – Foto: Voltaire Fraga, 1950.

Festa, descrevendo os principais elementos do ciclo dos festejos: novena, Lavagem, Terno de Reis, Missa Solene e procissão dos três pedidos.

A segunda parte traz o histórico da Festa do Bonfim, da sua origem no século XVIII ao início do século XX, bem como as referências relativas ao surgimento da Lavagem do Bonfim. Evidenciamos a formação da Irmandade Devoção do Nosso Senhor do Bonfim como propagadora do culto ao Jesus Crucificado na Bahia e seu papel na implementação de infraestrutura urbana na península de Itapagipe (abertura de estrada e pavimentação de ruas) e na construção da igreja, da casa dos romeiros e demais obras arquitetônicas com o intuito de facilitar o acesso dos fiéis à Colina Sagrada. Nessa parte do dossiê, destacamos as manifestações de fé presentes nos ex-votos e a história da fita do Senhor do Bonfim, um dos grandes símbolos da devoção do povo baiano. Incluímos, ao fim, trechos de relatos antigos de observadores da festa, especialmente descrições de literatos, historiadores, antropólogos e viajantes, mostrando a diversidade da Festa ao longo do tempo.

A terceira parte aborda o tema da Festa do Bonfim na contemporaneidade, do século XX até 2011, ano do término dessa pesquisa. Essa parte traz especialmente a análise dos elementos essenciais que caracterizam a Festa: Cortejo, composição dos envolvidos (devotos, espectadores, profissionais), indumentária, culinária, música, Lavagem, assim como a identificação e apreciação dos sentidos da festa para os diversos segmentos sociais que a produzem e organizam. Adicionamos ainda, nesta parte, uma reflexão sobre as diferentes apropriações políticas e turísticas da festa e as intensas transforma-

ções ocorridas nos últimos anos. Incluímos, por fim, um mapeamento das festas do Jesus Crucificado em outras cidades da Bahia, no Brasil e em outros países.

Na quarta seção consta uma reflexão sobre a Festa, como um espaço de construção de memórias e de identidades, a partir dos diversos significados que os participantes atribuem ao evento finalizando, dessa forma, a justificativa do seu registro como patrimônio cultural imaterial. Por fim, na última parte, apresentamos os desafios de gestão dos festejos e algumas indicações de ações para a sua salvaguarda.

A pesquisa realizada para compor esse dossiê ocorreu no período de janeiro de 2009 a setembro de 2011. Foram realizadas pesquisas bibliográficas sobre o estudo da Festa nas áreas da Antropologia e da História, bem como um levantamento dos registros históricos sobre a Festa e o culto ao Senhor do Bonfim. Foram consultados os arquivos públicos de Salvador: Arquivo Público do Estado da Bahia – APEB, Arquivo da Cúria Metropolitana de Salvador – Laboratório Reitor Eugênio Veiga, além do acervo de jornais da Biblioteca Pública do Estado da Bahia. Por fim, a pesquisa documental foi completada com os registros encontrados no Arquivo da Irmandade Devoção do Senhor do Bonfim.

Para a análise dos contornos da festa na contemporaneidade, desenvolvemos também uma pesquisa de caráter etnográfico, composta por entrevistas e pela observação participante nos anos 2009 e 2010 com o objetivo de realizar uma descrição densa das suas principais características atuais. Realizamos registros fotográficos e em vídeo que também estão incluídos no Dossiê.

1. Descrição da festa

A Festa do Bonfim é composta por um ciclo de celebrações que dura onze dias. Começando com a novena, a Lavagem das escadas da igreja, a apresentação dos Ternos de Reis, e, por fim, a Missa Solene. A novena é programada para começar depois do Dia de Reis e terminar no sábado, véspera do dia do Senhor do Bonfim, conforme estabelecido no Breve papal de 1804. Na segunda quinta-feira, após o dia 6 de janeiro, são realizados o Cortejo e a Lavagem. Nesse dia não há novena. O segundo domingo depois do Dia de Reis é o ponto alto dos atos litúrgicos da festa católica. Pela manhã, é celebrada a Missa Solene na Igreja do Bonfim.



Imagem de Nosso Senhor do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.

Segundo Carlos Ott³ o costume de celebrar a Festa do Senhor do Bonfim em janeiro foi introduzido só a partir de 1773, pois, originariamente, a celebração ocorria durante a Páscoa. A transferência da festa para o segundo domingo depois da Epifania ocorreu devido ao fato de que, nessa época do ano, em Salvador, raramente chove, facilitando, dessa forma, o deslocamento dos romeiros.

Como a maioria das festas do catolicismo, a de Nosso Senhor do Bonfim tem início com a novena e o ponto alto está na procissão ao homenageado. Mas a Festa do Bonfim é diferente: nela não se costumava fazer procissão, mas sim um Cortejo, que conta com um grande número de participantes. Uma procissão nos moldes tradicionais é fato novo da Festa do Bonfim, ocorrendo a partir de 2009.

Para grande parte dos devotos e estudiosos da Festa do Bonfim, o ápice da demonstração de fé acontece no momento em que se lavam as escadas da igreja. A Lavagem do Bonfim, ato associado ao culto de Oxalá,⁴ que acontece na quinta-feira, no meio da programação católica, é um cortejo formado por baianas e diversas manifestações culturais, sem imagens de Santos ou

³ OTT, Carlos. *Evolução das Artes Plásticas nas Igrejas do Bonfim*, Boqueirão e Saúde. Salvador: UFBA/CEB, 1979. p.47.

⁴ “De todos os orixás, Oxalá, o criador do mundo e dos homens, é o orixá mais temido e respeitado, considerado o pai de todos os homens e de todos os orixás. Entre os jêjes é conhecido com Lissa, em Angola é Cassumbecá, e para os Cabinda é Gangazumba. Entre os católicos é representado pelo Nosso Senhor do Bonfim (...) Oxalá se apresenta aos homens como um velho sábio (Oxalufã) e também como um jovem (Oxaguiã, também chamado Ajagunã)” In: ROCHA, Agenor Miranda. *As Nações Kêtu: origens, ritos e crenças. Os candomblés antigos do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2000. p.75.



Baianas na Festa do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.

do Jesus Crucificado. O ato ganhou grande proporção tanto em relação ao número de participantes, quanto do significado religioso, especialmente entre adeptos do Candomblé, e se tornou um ato de religiosidade tão importante que, muitas vezes, suplantou os atos católicos realizados dentro da igreja.

Para lavar o adro do templo, as baianas levam cântaros com água de cheiro (água perfumada com flores e plantas aromáticas). São acompanhadas por carroças enfeitadas e puxadas por equinos, grupos musicais e

manifestações culturais (grupos de Capoeira, Ternos de Reis, Burrinha etc.). Esse Cortejo se realiza numa extensão de, aproximadamente oito quilômetros, percorrendo a Cidade Baixa de Salvador. Tem início no Largo da Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia e término na porta da Igreja do Bonfim.

O Cortejo é recebido pelos devotos com fogos, chuva de papel prateado, execução do hino ao Senhor do Bonfim e muitos vivas a Jesus e Oxalá. Com a água de cheiro, as baianas lavam a escada e o adro da igreja e molham

as cabeças dos devotos, benzendo-os e purificando-os, para que alcancem graças divinas e estejam abençoados durante o ano que se inicia.

A Festa do Bonfim apresenta uma multiplicidade de aspectos culturais que ocorrem em momentos distintos no calendário festivo, havendo, dessa forma, várias festas dentro da Festa do Bonfim. A festa se espalha por vários bairros da cidade: partindo da Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia passando por toda zona portuária, Água de Meninos, Mares, até atingir a península de Itapagipe, onde se localiza a Colina do Bonfim.

Uma das grandes características da Festa é, sem dúvida, o convívio harmônico dos adeptos do candomblé e do catolicismo. Mesmo sendo uma Festa de matriz católica e ibérica, ela agregou, ao longo do tempo, alguns elementos dos cultos afro-brasileiros. Ao mesmo tempo em que alguns fieis vão até a colina reverenciar o Jesus Crucificado, adeptos do candomblé homenageiam Oxalá, o pai dos orixás. A Festa é realizada, interpretada e vivida à luz de diferentes perspectivas religiosas – segundo crenças e símbolos diferentes em sua origem, mas que se unem na fé dos participantes.

Durante a colonização portuguesa, o catolicismo foi imposto aos escravos, sendo o sincretismo uma estratégia de sobrevivência e adaptação dos africanos e seus descendentes à realidade do Novo Mundo. Para Sergio Ferretti, essa foi uma tática utilizada para manter as suas tradições e crenças preservadas: assimilaram a devoção aos santos católicos a partir da associação com determinadas características presentes nos orixás.⁵ Assim, o Senhor do Bonfim, a representação do Cristo Crucificado, passou a ser identificado com Oxalá uma vez que é atribuída ao orixá a condição de filho de Deus supremo e o status de Pai soberano entre as outras divindades.

Para Ordep Serra, a incidência do sincretismo nas festas religiosas de Salvador, é apenas mais um fator, dentre outros, da complexidade simbólica dessas manifestações culturais, que supõem “a vigência de consensos significativos, mas também envolve, por outro lado, um fluxo de sentidos e interesses diversificados, fazendo-se interpretar por seus participantes de modos que diferem e variam.”⁶ Ou seja, várias construções simbólicas e religiosidades distintas coexistem na Festa do Senhor do Bonfim.

Após essa descrição geral da Festa, descreveremos seu ciclo e detalharemos os elementos constitutivos que compõem o calendário de homenagens ao Nosso Senhor do Bonfim.



Devotos à espera do Cortejo – Foto: Marcelo Reis, 2010.

1.1 OS COMPONENTES DA FESTA

a. A NOVENA

Durante nove dias, a partir do dia 07 de janeiro, realizam-se, na Basílica do Bonfim, as rezas do novenário, a cargo da Irmandade Devoção de Nosso Senhor do Bonfim. É função da Devoção promover a novena, enfeitar o templo com flores, contratar a orquestra, enquanto a parte sacra fica a cargo dos sacerdotes. Durante as cerimônias, nas proximidades do altar principal, os membros da Irmandade, com suas opas,⁷

⁵ FERRETTI, Sergio F. Sincretismo Afro-Brasileiro e Resistência Cultural. Trabalho apresentado na Mesa Redonda Reafricanização e Sincretismo no V. Congresso Afro-Brasileiro realizado em Salvador entre 17 e 22 de agosto de 1997

⁶ SERRA, Ordep. Rumores de Festa: O sagrado e o Profano na Bahia. Salvador: Edufba, 2009, p.96.

⁷ As opas são as capas de cor roxa, desprovidas de mangas e com aberturas nos braços, utilizadas pelas irmandades religiosas. NASCIMENTO, Mara Regina do. Irmandades leigas em Porto Alegre: práticas funerárias e experiências urbanas – séculos XVIII e XIX. Porto Alegre: UFRGS, 2006. (tese de Doutorado em História) p. 58.

distanciam-se do conjunto dos fieis que acompanham a celebração. Vários padres são convidados para celebrar as missas durante os nove dias. Quanto mais próximo da missa do dia da Festa do Bonfim mais status possuem os convidados.

A novena sempre atraiu muitos fieis. Carlos Torres descreveu que, na década de 70, o templo ficava superlotado durante os dias do novenário, não cabendo todo o público no interior da Basílica. As ruas e adjacências eram ricamente adornadas com lâmpadas, palmas, bandeiras, florões e barracas.

Os registros fotográficos da Festa do Bonfim feitos por Pierre Verger e Voltaire Fraga, fotógrafos ilustres que registraram a história da cidade, nas décadas de 50 e 60, nos fornecem testemunhos similares à descrição de Carlos Torres sobre os festejos duas décadas depois.

Dentre as manifestações religiosas que compõem o ciclo de Festa do Bonfim a novena é provavelmente uma das mais antigas, pois nos remete aos primeiros tempos da Devoção do Bonfim na Bahia, que desde o início, sempre foi responsável por sua organização. A Devoção tem “o tradicionalismo como sua marca, resistir às mudanças é sua “palavra de ordem”⁸. A orquestra e o coral seguem entoando os mesmos cânticos de séculos atrás e o reitor da Basílica, auxiliado por outros sacerdotes, conduz as cerimônias seguindo os preceitos do catolicismo tradicional, entoando boa parte das orações em latim.



Novena na Igreja do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.

b. A LAVAGEM

A Lavagem do Bonfim realiza-se sempre na quinta-feira anterior ao dia do Senhor do Bonfim. Entre todos os dias da festa, o dia da Lavagem é o que atrai o maior número de participantes, além de ser o momento de maior visibilidade da Festa. Nesse dia ocorre, o Cortejo que parte da frente da Igreja da Conceição da Praia, próximo ao Mercado Modelo, onde os grupos participantes se concentram para percorrer aproximadamente oito quilômetros até chegar à Colina Sagrada do Bonfim. A saída do cortejo é encabeçada por um conjunto de baianas, com quartinhas⁹ à cabeça e portando ramos de flores; seguido de diversos grupos: afoxés, grupos de capoeira e de samba, além dos inúmeros participantes que percorrem esse trajeto por causa de alguma promessa ou apenas para homenagear o Senhor do Bonfim.

O Cortejo, por vezes, é confundido com uma procissão. Entretanto, não existem nele os elementos característicos de uma procissão, como por exemplo, andores com a imagem do Nosso Senhor do Bonfim ou de outros santos, acompanhado por grupos de fieis entoando rezas ou cânticos. Além disso, o Cortejo não é organizado pela Devoção ou pela paróquia, sendo fruto da manifestação da fé do povo baiano, ocorrendo de forma espontânea.

“Quem tem fé, vai a pé” é uma expressão muito comum entre os participantes que acompanham o Cortejo. Quando o Cortejo chega à Colina Sagrada, é recepcionado com fogos de artifício, chuva de papel prateado e a execução do hino ao Senhor do Bonfim. Entretanto, o espetáculo da lavagem, das escadarias da Igreja do Bonfim realizadas pelas baianas com água de cheiro ocorre antes da maioria dos participantes do Cortejo terem chegado ao Bonfim. As baianas tomam conta do trecho que corresponde ao adro, às escadarias e à rua entre o passeio e a praça.

Num movimento mágico das quartinhas que despejam água de cheiro, com vassouras nas mãos, as baianas iniciam o ritual de lavar as escadarias e o adro

⁸ GUIMARÃES, Eduardo Alfredo Morais. Uma viagem ao Bonfim: estudo de um ritual. Trabalho de conclusão de curso em Antropologia – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFBA, Salvador- Ba, 1987

⁹ Pote de cerâmica usado até meados do século XX para guardar água de beber nas residências. No Candomblé, é utilizada em diversas cerimônias. Costuma-se depositar quartinhas com conteúdos sagrados nas casas dos orixás. No Bonfim, as quartinhas contêm água ritualmente preparada para a lavagem das escadarias da Igreja, a água de cheiro.

da Igreja. Nesse momento, muitos feis se aproximam e as baianas despejam um pouco da água de cheiro nas suas cabeças, como forma de benção.

Alguns terreiros de candomblé mantêm um cuidado especial para participar do Cortejo e da Lavagem, que consiste no resguardo espiritual prévio dos participantes e na preparação ritual da água para a lavagem. O processo de preparo ocorre da seguinte forma: lava-se a quartinha no *amaci* – a água que contém a mistura de ervas, como arruda, macacá e manjericão, lentamente maceradas e misturadas até que passem a exalar um perfume muito agradável. Logo após, a mistura é posta na quartinha, que despejará seu líquido precioso sobre o adro e as escadarias da igreja. Essas ervas são adquiridas em feiras e mercados populares, como na Feira de São Joaquim e no Mercado das Sete Portas, com antecedência, pois nem sempre são encontradas facilmente. Às vezes, acrescenta-se água de cheiro à mistura de ervas. Providenciam-se também as vassouras “virgens” a serem utilizadas no ato da lavagem.

É durante a quinta-feira que o entrelaçamento entre as duas matrizes religiosas mais tradicionais na Bahia, o candomblé e o catolicismo, é perceptível. A própria entidade festejada, o Senhor do Bonfim, apresenta diversas características convergentes com Oxalá. Ambas as divindades sofreram e se purificaram; são emblemáticas da bondade, da complacência e da misericórdia.



Chegada das baianas ao Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.

c. OS TERNOS DE REIS

Dando continuidade ao ciclo da Festa do Senhor do Bonfim, realiza-se, na véspera do dia do Bonfim, a apresentação dos Ternos de Reis¹⁰. Em Salvador, os Ternos de Reis se apresentam tradicionalmente em dois lugares: no Largo da Lapinha, na véspera do dia de Reis e na Colina Sagrada, no sábado à noite, após a última novena, em frente à Igreja do Bonfim.

Os festejos de Reis se iniciam com grande animação no Largo da Lapinha¹¹, localizado próximo ao bairro da Liberdade. No século XIX, construiu-se a capela da Lapinha no Largo do mesmo nome, para a devoção ao Menino Jesus. Por isso, tradicionalmente, é ali que a cada ano no dia 5 de janeiro, véspera do dia de Reis, concentram-se os vários Ternos que se apresentarão.



Ternos de Reis – Fotos: Edilece Couto, 2009.

¹⁰ O Terno de Reis ou Folia de Reis é um festejo relacionado ao ciclo natalino, que faz referência a passagem bíblica em que Jesus foi visitado pelos três “Reis Magos”, denominados Melchior, Baltazar e Gaspar. São grupos que se apresentam principalmente na véspera ou no dia de Reis (06 de janeiro), compostos por músicos, dançarinos e muitas figuras folclóricas devidamente caracterizadas segundo lendas e tradições locais. Moraes Filho descreve que no passado “a véspera de Reis na Bahia era o corolário da noite de Natal. (...) Os cantadores de Reis percorrem a cidade cantando versos de memória e de longa data. (...) Mulheres e homens, meninos e meninas, batem ao compasso da música, leves pandeiros, ou tocam, nas mãos entreabertas e suspensas, castanholas que atroam”. MORAIS FILHO, Melo. **Festas e tradições populares do Brasil**. Rio de Janeiro: Brasiliense. p. 260

¹¹ Lapa ou Lapinha significa presépio. In: TEIXEIRA, Cid. Home Page: <http://www.cidteixeira.com.br/site/biografia.php>

O largo é amplamente iluminado e enfeitado com palmas e bandeirolas e é armado o presépio, que fica aberto à visitação pública. Os ternos e ranchos procedentes de diversos pontos da cidade rendem graças ao Menino Jesus diante do presépio, para depois se dirigirem ao palanque existente no meio da praça onde se apresentam, todos vestidos a caráter e entoando seus reisados. O escritor Carlos Torres assim descreve a apresentação dos Ternos e Ranchos na Festa de Reis no Largo da Lapinha, na década de 70:

“A romaria de ternos e ranchos processa durante a noite de 5, na madrugada de 6 e o encerramento se faz na noite de 7. Os ternos são formados de homens e moças ou somente de figurantes de cada sexo. Os ranchos são constituídos somente de homens, tendo um figurante simbolizando o nome que identifica o conjunto, possuindo ainda o balisa e o mestre de danças. Os ternos têm apresentação vistosa, de luxo, beleza e gosto com os participantes ricamente vestidos, levando pandeiros, castanholas e lanternas enfeitadas com florões e assuntos decorativos de grande efeito. Apresentam sempre a figura de um porta-estandarte com indumentária mais luxuosa, ficando todas a bailar e a cantar, puxados por charangas afinadas. Ao chegar à Lapinha visitam o presépio e depois dirigem-se ao palanque existente no cento do largo, para realizarem as danças e cantorias, debaixo de aplausos dos assistentes, que acodem ao local”¹²

Na Festa do Bonfim, os Ternos do Bonfim também marcam presença, uma vez que sua atribuição é louvar Jesus Cristo, seja na representação do Deus Menino ou do Cristo Crucificado. As apresentações ocorrem na frente da Basílica, em um palanque, após o encerramento da última novena. Ainda que seja uma manifestação de cunho religioso, a organização dos Ternos de Reis não fica a cargo da Devoção, e sim dos próprios participantes dos grupos provenientes das diversas partes da cidade com o apoio da prefeitura da cidade que se responsabiliza pela iluminação e pela montagem do palanque.

O fundamento da Festa corresponde às narrativas bíblicas sobre a infância de Jesus, dos Evangelhos de Lucas e Mateus. Todas as alegorias são criadas a partir de reinterpretações desta tradição. Também participam dos Ternos pessoas que seguem o catolicismo e o candomblé, não sendo considerada problemática essa interseção pelos dirigentes dos Ternos, “contanto que, na hora do Terno, seja uma coisa do Menino Jesus, porque são religiões diferentes”.¹³

Um traço peculiar da organização dos Ternos de Reis, em Salvador, é a presença de três alas em que se dividem as dançarinas: as baianinhas, as ciganinhas e as

pastorinhas. Não faltam os Reis Magos e as canções que cada Terno apresenta, anualmente, são próprias de cada grupo. Costuma haver certa integração entre os Ternos, o que foi viabilizado e potencializado pela criação de uma Associação Municipal. Isto se percebe na forma – muito delicada – como os componentes mais antigos de cada Terno conhecem o repertório musical dos outros Ternos. Ocasões como aniversários, funerais e comemorações têm sido propícias à manutenção desses laços.

Atualmente, são poucos grupos que, com muita dificuldade, se apresentam na noite de sábado no largo do Bonfim. A diminuição dessa frequência pode ser explicada por alguns fatores: em primeiro lugar, a modernização tirou do centro da cidade os concursos de reisados que aconteciam nessa área até as primeiras décadas do século passado, fazendo com que as apresentações ficassem restritas às periferias e em âmbito quase exclusivamente familiar. Outro fator relevante, é que os Ternos são formados e mantidos por familiares, amigos e vizinhos e há grande dificuldade na passagem da liderança. Com a morte do Reiseiro, o grupo tende a se desfazer ou passar longo período sem realizar a brincadeira. Por último, o maior dos problemas: a falta de financiamento para confeccionar a indumentária e os adereços, bem como para alimentar e transportar os integrantes até os locais das apresentações.



Ternos de Reis - Fotos: Edilece Couto, 2009.

¹² Torres, Carlos. *Bahia Cidade Feitiço: roteiro turístico*. Salvador: Ed. Mensageiros da Fé. 1973.

¹³ Depoimento de D. Luiza do Terno Rosa Menina.

d. MISSA SOLENE

Depois de 11 dias de homenagens, chega o domingo: o dia do Senhor do Bonfim. Já pela manhã ocorre uma Missa Solene que tradicionalmente conta com a presença de autoridades políticas e eclesásticas. Depois do dia da Lavagem, essa celebração comporta o maior número de participantes. Durante o dia ocorrem outras missas, finalizando o ciclo de homenagens ao Bonfim.

e. PROCISSÃO DOS TRÊS PEDIDOS

Não encontramos notícias da realização de procissões durante a Festa do Bonfim, salvo as saídas extraordinárias da imagem do Senhor do Bonfim em caso de calamidades ou eventos cívicos e religiosos de relevância. No entanto, a partir de 2009, o Padre Edson, reitor da Basílica do Bonfim, começou a realizar a Procissão dos Três Pedidos, uma alusão ao costume dos fiéis de fazerem três pedidos no momento de amarrar a fita do Bonfim no pulso ou no gradil da Igreja.

Essa procissão, composta por andores do Senhor do Bonfim, Nossa Senhora da Guia, São Cosme e São Damião, além de outros santos trazidos de paróquias vizinhas, tem início a partir da saída das imagens da capela do Hospital Irmã Dulce, localizada no largo de Roma. Ao chegar à Colina do Bonfim, o cortejo dá três voltas em torno da praça, antes da celebração da missa campal, realizada em frente ao Largo do Bonfim.

Tal estratégia é uma forma de reforçar a necessidade da caminhada de fé, dar visibilidade aos irmãos da Devção de Nosso Senhor do Bonfim, vestidos com suas capas cor de vinho, e, ao mesmo tempo, atrair a participação de jovens e membros de outras paróquias para a celebração religiosa.

Por fim, após a Procissão dos Três Pedidos, ocorre a última celebração em louvor ao Senhor do Bonfim, a Missa Campal. Nos últimos anos, ela vem sendo realizada, na frente da Basílica do Bonfim, com um grande número de participantes, encerrando as homenagens ao Senhor do Bonfim. Os fiéis, abençoados e renovados, sentem-se prontos para enfrentar mais um ano com as graças do Senhor do Bonfim.



Saída da Procissão em frente a Capela do Hospital da Irmã Dulce
– Foto: Marcelo Reis, 2010.



Missa solene na Igreja do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.

f. SEGUNDA-FEIRA DA RIBEIRA

No passado, depois das homenagens ao Senhor do Bonfim, ocorria, na segunda-feira, uma festa popular nas imediações da Península de Itapagipe, conhecida como Segunda-Feira da Ribeira. Tal festa nada tinha de religiosa, era apenas uma forma de prolongar os festejos que oficialmente tiveram seu encerramento no domingo. Segundo Odorico Tavares, essa festa de rua teria surgido do movimento das famílias que voltavam para as suas casas na madrugada do domingo para a segunda após o fim dos festejos no Bonfim¹⁴. Existe outra versão para o surgimento da Segunda-Feira da Ribeira apontada por Cid Texeira¹⁵. Segundo esse historiador, no século XIX, os músicos da Chapadista¹⁶, após tocarem durante todos os dias da festa, tinham o direito de ficar até a segunda-feira na península de Itapagipe, antes de retornar para Feira de Santana. Dessa forma, eles estendiam os festejos, tocando e dançando nas ruas da Cidade Baixa; surgindo assim, a festa da Segunda-Feira da Ribeira.

O fato é que a multidão reunida enchia as ruas do Largo da Ribeira com o único propósito de se divertir. Era uma espécie de prelúdio do Carnaval, segundo as palavras de Odorico Tavares, quando os primeiros sambas e marchinhas carnavalescas apareciam.

Sobre o caráter da Festa da Ribeira como uma extensão da Festa do Bonfim nos relata o Sr. Jorge Fonseca, morador da Ribeira há 54 anos, ao lembrar:

“Antigamente, quando dava meia noite do domingo após a Lavagem do Bonfim, saíamos na mudança em direção à Ribeira, logo depois queima da de fogos. Os barraqueiros também saíam do Bonfim para a Ribeira. Curtíamos a madrugada inteira e o início da manhã. Eram os próprios moradores que montavam bandinhas, sem trios elétricos”¹⁷

Já o depoimento de Moisés Eduardo, presidente da Sociedade de Amigos e Filhos da Ribeira coloca a Festa da Ribeira de outrora como o abre-alas dos festejos carnavalescos da cidade:

“A Segunda-Feira Gorda da Ribeira já chegou a ser festa que antecipava o carnaval de Salvador...”¹⁸

Segundo o entrevistado Moisés Eduardo, a Festa da Ribeira já não é mais como antigamente, quando era um retrato da Bahia. Ele afirma:

“Nós, moradores, queremos resgatar as origens do povo e revitalizar as festas populares da cidade. A festa da Ribeira sempre

mostrou uma Bahia sem maquiagem, a mesma retratada por artistas como Pierre Verger e Dorival Caymmi”¹⁹

Hoje os festejos da Ribeira estão muito diferentes das descrições das décadas passadas. Apesar de a Segunda-feira da Ribeira continuar atraindo um grande número de pessoas, a vinculação com a Festa do Senhor Bonfim não existe mais e o seu prestígio de festa pré-carnavalesca também foi reduzido.

Ao longo do Dossiê será perceptível que, com o passar dos anos, vários elementos da festa do Bonfim foram sendo incorporados, enquanto outros perderam força. Nas próximas sessões destacaremos as origens do culto e das homenagens ao Senhor do Bonfim, para posteriormente analisarmos as transformações dos festejos na contemporaneidade detalhadamente.



Festa do Bonfim - Foto: Pierre Verger, 1947

¹⁴ TAVARES, Odorico. Bahia: Imagens da terra e do povo. Salvador: Ed. José Olympio, 1951, p. 62

¹⁵ TEIXEIRA, Cid. Salvador Cultural. In: VIANA, Marisa. Salvador: a cidade da Bahia. Salvador: BIOGRAF, 2002, p. 201-340 apud SANTANA, Mariely Cabral de. Alma e Festa de uma Cidade, Salvador: EDUFBA, 2009, p. 197

¹⁶ A Chapadista era um grupo musical composto pelos escravos de Raimunda Porcina Maria de Jesus, oriundos da Chapada Diamantina. A banda disponha de grande instrumental e repertório vasto e se apresentava nas principais festas baianas. Sobre a Chapadista consultar: TINHORÃO, História Social da Música Brasileira. São Paulo: Ed. 34, 1997. e REIS, João J. De olho no canto: trabalho de rua na Bahia na véspera da abolição In: Revista Afro-Ásia, nº 24, 2000.

¹⁷ Jornal A Tarde, 20/01/2009B1.

¹⁸ Idem

¹⁹ Ibidem

2. Fé e religiosidade popular

2.1 REFERÊNCIAS HISTÓRICAS DO CULTO A NOSSO SENHOR DO BONFIM

a. A ORIGEM DO CULTO

A devoção ao Senhor do Bonfim tem sua origem em Portugal, na cidade de Setúbal, onde a imagem original foi encontrada, de acordo com a tradição popular, por “uma mulher, entre os pedaços de madeira que vieram até a praia”²⁰. A Fé de um povo sempre esteve relacionada às suas vicissitudes cotidianas. Naquela época, as aventuras ultramarinas estavam no centro das atenções do povo e o medo do desconhecido e das incertezas do mar povoava o imaginário da população portuguesa. Acerca dos motivos que levaram capitães e marinheiros a elegerem Nosso Senhor do Bonfim como seu protetor, é esclarecedor o comentário da historiadora Laura de Mello e Souza:

“Numa época em que as conquistas técnicas ainda eram incipientes, o mar era o espaço por excelência do medo; era ‘o domínio privilegiado de Satã e das forças infernais’”²¹

O mar tenebroso, que trazia a morte aos navegadores, precisava ser dominado, sendo necessário introduzir nesse espaço elementos que o sacralizassem e protegessem os navegantes. Enfim, os temores do inesperado e das surpresas dos mares fizeram com que a crença nos milagres e na proteção do Nosso Senhor do Bonfim se difundisse entre os navegadores.²²

No século XVIII, havia uma regra que determinava a presença de capelães nos navios mercantes. Acreditava-se que a coroa portuguesa foi pioneira no cumprimento



Irmãos da Devoção do Senhor do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.

dessa ordem, embarcando sacerdotes nos navios negreiros desde 1684. Porém, em 1813, apesar da existência da lei, poucos relatos apontam a presença de padres a bordo

²⁰ GROTELEARS, Martien M. **Quem é o Senhor do Bonfim: o significado do Senhor do Bonfim na vida do povo da Bahia**. Rio de Janeiro. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 15 -17.

²¹ SOUZA, Laura de Mello e. **O Diabo e a Terra de santa Cruz: Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 185

²² GUIMARÃES, Eduardo Alfredo Moraes. **Uma viagem ao Bonfim: estudo de um ritual**. Trabalho de conclusão de curso em Antropologia – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFBA, Salvador- Ba, 1987.



Pintura do teto da Igreja do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.

dessas embarcações, devido, em grande parte, à pequena quantidade de clérigos na costa da África que se dispusessem a viver embarcados. Apesar da dificuldade para se manter um culto oficial em alto mar, não diminuíam a fé e os apelos a Deus, Jesus Cristo e aos santos para que a viagem chegasse a um bom fim.

Na Bahia, o culto ao Senhor Bom Jesus do Bonfim teve início em 1740, com a chegada a Salvador do Capitão de Mar e Guerra, o português Theodósio Rodrigues de Faria, importante traficante de escravos, proprietário de três barcos que faziam a rota comercial pela costa da África e membro do comitê de administração²³. O capitão, pela grande devoção que tinha ao Senhor do Bonfim, através da imagem que se venera em Setúbal (sua cidade natal), em Portugal, trouxe de Lisboa uma semelhante àquela, medindo 1,06 de altura, e, compondo o conjunto escultórico, um aparelho de prata (com barra decorativa, ponteiras, cartela com inscrição INRJ, resplendor, cravas com pedras preciosas, coroa de espinhos e mandorla) e, com permissão do Arcebispo Dom

José Botelho de Matos, fê-la colocar e expor à adoração dos fiéis. O motivo principal de Theodósio foi “eternizar a graça de não ter morrido no naufrágio da embarcação que o trazia de Portugal à Bahia”.²⁴ Juntamente com outros portugueses, fundou uma irmandade, chamada Devoção de Nosso Senhor do Bonfim, na Igreja da Penha, localizada na Cidade Baixa de Salvador.

Um ano após o início da Devoção, em 1746, deu-se início à construção da capela no Alto do Monte Serrat, pertencente à paróquia de Santo Antônio, que ficou conhecido como Colina do Bonfim. A igreja só ficou pronta em 1754. Nesse ano, no dia 24 de junho, dia de São João, os devotos tiveram bons motivos para fazer os festejos juninos, com mais brilho e foguetes ainda mais intensos, pois a imagem do Senhor do Bonfim foi transladada da Igreja da Penha para a capela própria no Alto do Bonfim. No altar-mor, também foi colocada uma imagem de Nossa Senhora da Guia.



Igreja do Bonfim – Foto: Pierre Verger, 1959.

²³ FRANÇA, Rosa Alice. *As Cores do Bonfim*. Salvador, 2003, p. 104.

²⁴ Idem, p. 106.



Interior da Igreja do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.

b. O PAPEL DA IRMANDADE DEVOÇÃO AO NOSSO SENHOR DO BONFIM

Para promover o culto ao Jesus Crucificado, reuniram-se junto ao capitão Theodósio cidadãos do mesmo grupo social, formando uma associação de devotos, em 1745. Para tal fim, pediram licença ao ministro dos negócios religiosos. A intenção era fundar a Irmandade do Senhor do Bonfim, que tinha como objetivo propagar sua devoção e o culto.

A história da Devoção ao Senhor do Bonfim nos revela que, apesar de diversos pedidos de licença e da constituição oficial da Mesa (juiz, escrivão, tesoureiro, procuradores, zeladores e benfeitores, como também mordomos e juiz da festa), não se conseguiu jamais a aprovação oficial nos anos de 1793, 1836, 1854, 1872, 1885 e 1894. Parece que as dificuldades fazem parte de toda a constelação que configura a relação Estado-Igreja. Tudo leva a crer que o poder eclesiástico era contra uma nova irmandade, associação leiga para o culto, uma vez que não teria controle sobre a mesma. Depois de 172 anos de luta interna, quando chegou a aprovação oficial pela “Associação Católica” da Devoção ao Senhor do Bonfim, D. Jerônimo Tomé da Silva aprovou os estatutos no dia 2 de dezembro de 1918.²⁵

Desde os primórdios da iniciação do Culto a Nosso Senhor do Bonfim, na Colina Sagrada ou Colina do Bonfim, foi fundamental a atuação da Irmandade da

Devoção ao Nosso Senhor do Bonfim, cuja obrigações e finalidades encontram-se claramente definidas em seu estatuto, qual seja, a promoção e manutenção do culto ao Senhor do Bonfim conforme definição de um dos membros da Devoção:

“...As Devoções ou Irmandade são associações de leigos, cuja finalidade foi e é manter o culto (....) A do Bonfim tem, estatutariamente, como objetivo manter o culto e a devoção ao Senhor do Bonfim e a Nossa Senhora da Guia, que as suas imagens vieram juntas de Portugal e as duas devoções foram também plantadas juntas aqui na Bahia (....) A responsabilidade deles é meramente administrativa.....”²⁶

Uma análise empreendida a partir dos diversos livros, bem como da situação oficial, revela que a Devoção ao Senhor do Bonfim mantém até hoje a sua finalidade original, ou seja, propagar o culto ao Senhor do Bonfim no seu aspecto religioso: zelo pela igreja e pelo brilho da festa religiosa.

Os Devotos do Senhor do Bonfim são os guardiães das normas tradicionais. O apelo à manutenção das

²⁵ GROTELEARS, Martien M. *Quem é o Senhor do Bonfim: o significado do Senhor do Bonfim na vida do povo da Bahia*. Rio de Janeiro. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 28.

²⁶ GUIMARÃES, Eduardo Alfredo Moraes. Op cit. p.46

tradições é ainda muito forte e os nomes de famílias tradicionais de Salvador figuram em destaque entre seus membros; o ingresso está vinculado, dessa forma, ao prestígio social. Percebe-se, a partir da leitura dos Estatutos da Devoção, a tentativa de aproximação com os fiéis, a preocupação com assistência e promoção social; entretanto, por outro lado, a Devoção mostra-se também criteriosa e excludente no que diz respeito à ocupação dos seus cargos administrativos, exigindo diploma de Bacharel em Direito e Contador para as funções de Procurador e Tesoureiro, respectivamente. É predominantemente uma devoção masculina, ocupada por engenheiros, jornalistas, professores da faculdade de medicina, deputados federais e advogados.

Entre os membros da Irmandade, são escolhidos os Devotos, em assembléia geral, que irão formar a Mesa

que irá compor a administração da Devoção, e, consequentemente, aqueles que irão organizar as homenagens ao Senhor do Bonfim do ano seguinte. Os preparativos da festa começam um ano antes e os membros da Devoção participam de todas as etapas de planejamento e execução das homenagens, excetuando-se o Cortejo e a Lavagem.

c. A CIDADE DE SALVADOR E A CONSTRUÇÃO DA IGREJA DO BONFIM

No século XVIII, a Bahia viveu um período de crescimento econômico, proporcionado tanto pela produção açucareira quanto pelo ouro explorado na Chapada Diamantina. Tal desenvolvimento possibilitou o crescimento



Largo do Bonfim – Foto: Titus Casal, 2010.

urbano da Cidade de Salvador, com a criação de novos bairros, possibilitando melhorias no aspecto geral da cidade, a partir do erguimento de novas edificações, inclusive edifícios religiosos.

Nesse contexto, iniciou-se a construção da capela do Bonfim. Com o crescimento do culto e dos milagres atribuídos ao Senhor do Bonfim, afluíam de todas as partes romarias de fieis ao santuário e cresciam os donativos, o que animou a associação de devotos a empreender a construção de uma capela em local elevado, aprazível e não muito longe da cidade, para que fosse mais acessível aos devotos que vinham de longe.²⁷

A razão da escolha foi a beleza do sítio e sua disposição topográfica; assim mesmo, teve como ponto de partida as propriedades mais estáveis em relação à paisagem. Trata-se de uma colina, um sítio elevado, o Alto de Monte Serrat. Após a construção do templo, a colina passou a ser denominada como Alto do Bonfim, Colina do Bonfim ou Colina Sagrada. A sua localização privilegiada permitia que o santuário pudesse ser visto de muitos pontos da cidade, inclusive, desde a Baía de Todos os Santos para os que chegavam à cidade pelo mar.

Apesar de a Colina do Bonfim não estar localizada dentro dos limites da cidade, sua presença despontava na paisagem de Salvador. A partir do século XVIII, quando vista da Baía de Todos os Santos, a cidade estava marcada por dois importantes monumentos que a identificavam: o forte da Barra, na entrada da Baía e a Igreja do Bonfim na outra extremidade. Garantindo, dessa forma, respectivamente, a proteção militar e religiosa.²⁸

Em 1746, foram iniciadas as obras. A sua arquitetura seguiu o modelo das igrejas portuguesas do século XVIII e XIX. No dia 24 de junho de 1754, por ocasião da festa de São João Batista, após a conclusão das obras internas, a imagem foi trasladada da capela da Penha para a Colina do Bonfim, em imponente procissão. Na ocasião, governava a Bahia o 10º Conde de Atouguia e VI Vice-Rei, que prestigiou a solenidade com a população da cidade. Após a missa festiva, foi colocada a imagem no trono, em um nicho, assim como a de Nossa Senhora da Guia, que o Capitão também trouxe de Portugal, juntamente com o Senhor do Bonfim.²⁹

As primeiras casas dos romeiros foram construídas logo após o início das obras da capela pela Devoção. Segundo Carvalho Filho, “era natural do espírito dos instituidores da Devoção que se criava, engrandecê-la, multiplicando o número de devotos e fieis e para isso convinha animar tudo, facilitando aos romeiros não só o meio de transporte mas ainda o de abrigo.”³⁰ As casas

eram destinadas aos romeiros que vinham de regiões mais distantes da província - principalmente do Recôncavo, dos altos sertões e do São Francisco - que não tinham condições de retornar às suas casas no mesmo dia.

Naquela época o acesso à Colina do Bonfim era muito precário por terra, uma vez que os terrenos que circundavam a área que faziam a ligação com o centro da cidade eram extremamente alagadiços. A maneira mais fácil de acesso a esta região era através da Baía de Todos os Santos, em barcos ou saveiros. Portanto os romeiros ficavam à mercê da maré para conseguir chegar até a península de Itapagipe.

Em 1798, a Devoção construiu a estrada (atual avenida) dos Dendezeiros, drenando o brejo que esta atravessava, com a utilização de uma espécie de palmeira, chamada dendezeiro, capaz de secar terrenos alagadiços. Em 1810, como extensão da estrada dos Dendezeiros, foi construída a então denominada ladeira Ponte de Pedra, a atual Ladeira do Bonfim, notável obra de alvenaria, destinada a facilitar o acesso dos romeiros.



Av. Dendezeiros. FERREZ, Gilberto. **Bahia**: velhas fotografias.

²⁷ FRANÇA, op. cit., p. 109.

²⁸ SANTANA, Mariely Cabral de. **Alma e Festa de uma cidade**. Salvador: Edufba, 2009, p. 113

²⁹ CARVALHO FILHO, José Eduardo Freire de. **A devoção do Senhor J do Bom-Fim e sua História**. Salvador: Typ. de São Francisco, 1923, p.111

³⁰ Idem, p. 181

Terminada a construção do templo, a Devoção teve-se nas obras do entorno da Igreja. Em 1863, foram inaugurados o chafariz do largo e o adro da igreja, cujas pedras foram colocadas em 1865³¹. No meio do largo, ergue-se o chafariz, mandado vir da Itália, todo em mármore branco, encimado pela estátua do Salvador, esculpida em mármore de Carrara. O monumento foi colocado por iniciativa do tesoureiro da Devoção, com o produto das esmolas dos devotos. A estátua, que tem um metro e cinquenta centímetros, representa Jesus Cristo abraçado com a cruz, trazendo à esquerda uma corrente despedaçada e, à direita, o index apontando para o céu. Está apoiada sobre um hemisfério e tem o pé esquerdo pisando uma serpente. A cruz representa a fé e a salvação; a corrente partida é a redenção da humanidade, a sua libertação do pecado; o index apontando para o céu diz que há um só Deus dadivoso, remunerador das eternas moradas; o pé pisando a serpente define o triunfo sobre o pecado.

O pedestal compõe-se de uma coluna cilíndrica com quatro cabeças de anjos alados, de cujas bocas jorra água. Seguem-se duas ordens de bacias em forma de conchas, sendo que a superior tem quatro conchas menores, nas quais se derrama a água que recebem da boca dos anjos. As conchas maiores despejam a água em uma grande bacia ou tanque, também de mármore, que constitui a parte inferior do chafariz. Quatro colunas moldadas em ferro fundido e terminadas por uma lanterna ou lampião ocupam os quatro ângulos do monumento,

que é cercado por um gradil de ferro sentado sobre um ladrilho de pedra mármore³². Todas as construções realizadas valorizaram, notadamente, a Igreja do Senhor do Bonfim, produzindo, à distância, a impressão de tratar-se de uma edificação com volumetria superior à que ela realmente possui.³³

Observamos que a finalidade da Devoção era não apenas oferecer conforto espiritual aos seus fieis, mas também desenvolver arquitetonicamente a Igreja e o seu entorno, além de proporcionar abrigo, através das casas dos romeiros. Essas ações geraram uma importante intervenção urbanística na cidade com a construção de uma via de acesso que interligava o Largo de Roma ao Bonfim.

Embora tenha sido fundamental o papel da Devoção na administração dos trabalhos de construção da Igreja e de outras de seu entorno é importante frisar que, como afirma o atual tesoureiro da Devoção, Sr. Geraldo Urpia, os bens são de Nosso Senhor do Bonfim. Todas as dádivas que fluíram para a Devoção são fruto da fé do povo no Bonfim, que aumentava a quantidade de doações quanto mais os milagres ocorriam, possibilitando que a Devoção tivesse os recursos necessários para empreender as obras.

³¹ "A igreja do Bonfim e sua importância na vida dos baianos". In: **Restauração da igreja do Bonfim: um presente ao povo da Bahia**, p. 7.

³² **A Voz da Colina**. Informativo da Devoção do Senhor Bom Jesus do Bonfim. Ano I, nº 2. Abril de 1997, p. 4.

³³ Idem, p.9



Ladeira de acesso à Colina do Bonfim Acervo APEB.

d. INTERIOR DA IGREJA

A Igreja do Bonfim foi um dos primeiros bens tombados pelo IPHAN em 1938³⁴. No seu interior destacam-se as pinturas executadas pelo pintor baiano Antonio Joaquim Franco Velasco, responsável pela execução da pintura do teto e dos painéis dos altares. Essas pinturas são datadas de 1818.³⁵

Nos altares laterais da Igreja é possível encontrar as imagens de São Gonçalo, Santo Antônio, São José, São Joaquim, Nossa Senhora da Boa Morte, Sagrado Coração de Jesus e Nossa Senhora da Santana. Em cima dos altares laterais, vemos painéis sobre a paixão de Jesus: Jesus no Horto das Oliveiras; Jesus conduzido à presença de Pilatos; a flagelação de Jesus; a coroação de espinhos; e a subida ao Monte Calvário. No teto da igreja, temos outro quadro pintado. No centro, está um anjo, empunhando uma esfera com as 20 estrelas representando as 20 províncias brasileiras do período imperial. A figura estende o braço



Altar lateral da Igreja do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.

apontando o Redentor Crucificado, rodeado de um halo de glória luminoso. Os raios clareiam um grupo de pescadores ou marinheiros, entre os quais um homem mostra uma tela representando o naufrágio de que escapou. Outro grupo de pessoas, um homem doente e uma senhora com uma criança, demonstra igualmente sua fé no Senhor do Bonfim. Nos corredores da igreja, contam-se 34 quadros em azulejo, representando a vida de Jesus de Nazaré³⁶.

No decorrer dos anos, a igreja foi remodelada várias vezes. A primeira mudança se deu 60 anos depois da inauguração. Começou a construção das torres, sendo as portas da igreja cercadas com extenso gradil. Em 1772, as torres da igreja do Senhor do Bonfim ficaram prontas. Nessa época, a fachada principal possuía apenas uma porta, tendo sido as outras duas rasgadas em 1804. No período de 1814 a 1821, Antônio Joaquim dos Santos executou o retábulo em estilo neoclássico do altar-mor³⁷.

Entre 1817 e 1819, finalizaram-se as grandes obras com o assentamento dos quatro altares da nave. Foi nesse período que Antônio Joaquim Franco Velasco realizou suas obras mais estáveis: a pintura do teto e dos painéis dos seis altares³⁸.

Na primeira metade do século XIX concluem-se os trabalhos no interior da igreja com a execução da sacristia pelo artista Antonio de Souza dos Santos Rosa, a elaboração dos painéis pintados pelo artista baiano José Teófilo de Jesus na sacristia e, por fim, a colocação das molduras entalhadas e dos painéis fabricadas pelo artista Joaquim Francisco de Matos³⁹.

Concluídas as obras da parte interna da igreja, enceram-se os trabalhos da parte externa com a reconstrução da torre em 1849, juntamente com a instalação de extenso gradil fechando o adro da Igreja em 1863 e a colocação dos azulejos portugueses na fachada em 1873⁴⁰.

³⁴ O tombamento da Igreja do Bonfim foi registrado no livro no Livro de Belas Artes, com número de inscrição: 131 e número do processo: 0122-T-38, em 17/06/1938

³⁵ “A igreja do Bonfim e sua importância na vida dos baianos”. In: **Restauração da igreja do Bonfim: um presente ao povo da Bahia**, p. 8.

³⁶ GROTELEARS, op. cit., p. 30.

³⁷ Idem, p. 38

³⁸ “A igreja do Bonfim e sua importância na vida dos baianos”. In: **Restauração da igreja do Bonfim: um presente ao povo da Bahia**, p. 11

³⁹ Idem, p. 12

⁴⁰ Idem, p. 13

e. A ORIGEM DA LAVAGEM DO BONFIM

Não se sabe, exatamente, quando aconteceu a primeira Lavagem. Existem algumas possíveis origens, mas tudo leva a crer que o ritual surgiu no início do século XIX. As duas principais hipóteses sugerem que a tradição poderia ter surgido a partir do cumprimento da promessa de um soldado no seu retorno da Guerra do Paraguai (1865-1870) ou, segundo outra hipótese, a prática da lavagem do templo estaria relacionada às homenagens a São Gonçalo que ocorriam no interior da Igreja do Bonfim.

O primeiro mito fundador diz que um soldado português que lutou na Guerra do Paraguai prometera ao Senhor do Bonfim que, se voltasse vivo do campo de batalha, lavaria, em sinal de gratidão, sua igreja. Chegando a Salvador, onde residia, foi cumprir o prometido. Ao subir a Colina, em peregrinação, foi explicando àqueles que encontrava o que ia fazer e, pouco a pouco, foi-se formando em sua volta um pequeno grupo. Entre as promessas mais comuns da cultura religiosa luso-brasileira, destaca-se esta de lavar, varrer e enfeitar igrejas e altares.

[...] Essa forma de obséquio ou serviço religioso é quase universal. Os romanos e os gregos a praticavam. Ambos lavavam seus templos, ao som de cânticos festivos e religiosos. O mesmo se dava no Egito. Entre os africanos, é fundamental, no seu ritual religioso, o banho dos ídolos, sobretudo com azeite. Em Portugal e na Espanha este ritual chegou, algumas vezes, às raias do abuso, sendo então proibido em longas e repetidas exortações de bispos e arcebispos, desde o século XVI. Assim, a lavagem do Bonfim é um ressurgimento dessa velha tradição em parte reprimida.⁴¹

Entretanto, Carlos Ott⁴² afirma que tudo começou antes desse episódio do pretense soldado que foi à Guerra do Paraguai. Segundo a hipótese que ele levanta, a data mais precisa seria 1804, quando a Devoção do Senhor do Bonfim permitiu às devotas de São Gonçalo levar a imagem deste santo para a Igreja do Bonfim. Em períodos de festa, para São Gonçalo ou o Senhor do Bonfim, elas cuidavam dos ornamentos, lavavam a igreja, espalhavam uma fina camada de areia e folhas de laranjeira no chão, costume imitado dos festejos em honra aos orixás nos terreiros.

O culto a São Gonçalo e a Lavagem do templo ganharam proporções não imaginadas por seus criadores, a ponto de incomodar a Devoção e autoridades eclesiásticas. Isso porque dentro da Igreja ocorria a dança de São Gonçalo: as mulheres que almejavam fertilidade

colocavam a imagem do santo no centro da roda e dançavam no seu entorno. Tal prática era vista como amoral pela Igreja Católica. Entretanto, esse não era o único motivo pelo qual os membros da Irmandade desejavam acabar com aquele festejo. O culto ao santo tocador de viola rivalizava diretamente com a novena em honra ao Cristo Crucificado. Dom Romualdo Antônio de Seixas, arcebispo da Bahia no período de 1827 a 1860, fez duras críticas aos festejos de São Gonçalo e editou uma portaria em 14 de fevereiro de 1837:

Tendo visto, com a maior surpresa e assombro, em alguns dos Registros de São Gonçalo, que no dia 3 do corrente, durante a celebração dos santos mistérios na festividade do mesmo glorioso santo, se distribuiu na capela do Senhor do Bonfim a sacrílega, blasfema, indecente e ridícula legenda ou inscrição, “São Gonçalo das moças”, que derivando-se de absurdos prejuízos ou crenças populares, deslustra a pureza do culto tributado àquele santo, e importa uma verdadeira superstição, que os teólogos chamam de culto indébito, injurioso aos progressos da civilização, e apenas própria desses desgraçados tempos, em que uma mal entendida piedade misturava nos atos mais santos o sagrado com o profano, a mitologia com o evangelho, e Babilônia com Sião, [...] profanando a efígie de um dos mais insígnies heróis de perfeição evangélica, com seu título mal soante, ainda aos ouvidos menos delicados, e que decerto nenhum homem sério consentiria que se juntasse ao seu nome, ou se estampasse por baixo de seu retrato.⁴³

As mulheres solteiras eram responsáveis pela procissão e festa para São Gonçalo, o santo casamenteiro (Santo Antônio só viria a desempenhar tal função bem mais tarde). Segundo Carlos Ott, elas foram sendo paulatinamente substituídas pelas mães de santo⁴⁴ e filhas de santo⁴⁵ dos principais candomblés da cidade. Vestidas de branco, portanto a bandeira com a

⁴¹ *Enciclopédia Barsa*. Vol3, Rio de Janeiro, p. 189

⁴² OTT, op. cit., p. 36-37.

⁴³ BMSB - *COLEÇÃO de obras de D. Romualdo Antonio de Seixas*. Pernambuco, 1839, v. I, p. 331-332.

⁴⁴ “Ao se vincular à religião o fiel passa a fazer parte de uma nova família, que é sua ‘família de santo’. Este é o significado das expressões ‘pai de santo’ e ‘mãe de santo’: não sugerem, como muitos pensam, que a pessoa se considera pai ou mãe de uma divindade, mas sim que ela é pai e mãe ‘no santo’, ou seja, dentro da religião, das pessoas cuja iniciação ela dirigiu”. IN: GASPAR, Eneida. *Guia das Religiões Populares do Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2002, p. 50

⁴⁵ Filhos de santo são as pessoas que tem compromisso religioso com o candomblé. Idem, p. 50



Lavagem da Igreja do Bonfim – Foto: Voltaire Fraga, 1950.

imagem de São Gonçalo e tochas acesas, as senhoritas residentes em Itapagipe ou que ali estivessem veraneando, ao som de banda de música, percorriam as principais ruas até o adro da igreja. As brincadeiras ao longo do percurso eram muitas, e, por vezes, vistas como maliciosas, pois os rapazes costumavam tentar apagar as velas e tochas. Ao término da caminhada, erguia-se a bandeira no mastro e soltavam-se girândolas de fogos e foguetes.⁴⁶

Apenas em 1918, a Devoção do Senhor do Bonfim tomou para si a responsabilidade de organizar a Festa de São Gonçalo. Aos poucos, a dança foi desaparecendo das igrejas baianas, mas a Lavagem persistiu apesar das proibições e das inúmeras tentativas de reforma na religiosidade leiga.

Carlos Ott⁴⁷ tem uma explicação interessante para a Lavagem. Seria um ato simbólico de lavar o santo para a festa em comemoração ao seu aniversário. O costume dos descendentes de africanos de lavar o orixá na véspera de sua festa ainda pôde ser observado pelos alunos do professor em Arembepe, praia próxima a Salvador, na segunda metade do século XX, mas pode ter sido substituído pela lavagem da igreja ou da casa do orixá.

f. A PROIBIÇÃO DA LAVAGEM DA IGREJA DO BONFIM

Muitos tentaram extinguir a Lavagem do Bonfim, mas foi o arcebispo Dom Antônio Luís dos Santos quem conseguiu, com o apoio da polícia, proibir tal ato. Suas normas expressas em ofícios e portarias deveriam ser respeitadas em todos os templos da capital, porém a Igreja do Bonfim é citada em função da importância da Festa para os baianos e do enorme “ajuntamento” de pessoas pelas ruas da cidade. Segundo o próprio arcebispo, “pela multidão de pessoas de ínfima classe que para ali aflui nesse dia”.⁴⁸ Ou seja, pela quantidade de praticantes do Candomblé, africanos e descendentes em sua maioria.

Em 1889, Dom Antônio Luís dos Santos publicou uma portaria proibindo as lavagens das igrejas em dia de festa em homenagem aos santos e pedindo o respaldo

⁴⁶ Idem, nota 31, p. 163-164.

⁴⁷ OTT, op. cit., p. 37-38.

⁴⁸ APEB - Setor Colonial - Seção de arquivos coloniais e provinciais. Inventário dos documentos do Governo da Província – II Parte. Dom Antônio Luís dos Santos. **Portaria**. Salvador, 9 de dezembro de 1889, maço 5209, caderno 1866.

da autoridade civil. A portaria, endereçada aos párocos e administradores das igrejas e capelas, afirmava que a exortações contra tais atos, “graves abusos”⁴⁹, foram feitas por seus antecessores e por ele mesmo, mas não surtiram efeito. Dessa forma, justificava a sua atitude.

As determinações da portaria deveriam ser obedecidas em todas as igrejas. Porém, havia uma preocupação especial com a Lavagem da Igreja do Bonfim. Outros documentos relacionados à mesma ordem revelam esse aspecto da proibição das lavagens. Em carta enviada ao Pe. Pedro dos Santos, responsável pela freguesia de Nossa Senhora da Penha, o arcebispo determinava que a Igreja do Bonfim deveria ficar fechada durante todo o dia de quinta-feira, só sendo permitida a abertura da porta à noite, para a realização da novena. E ainda foi enfático ao tratar da limpeza do santuário:

Quanto ao asseio do templo para a festa, que seja feito muito particularmente, em outro qualquer dia, de portas fechadas, sem o menor sinal de festa ou cantoria, e com toda a decência compatível com a casa de Deus.⁵⁰

A proibição, no entanto, não cumpriu totalmente sua finalidade. As mulheres deixaram de lavar o interior da Igreja do Bonfim na quinta-feira, mas continuaram a realizar o Cortejo, munidas de vassouras, flores e vasos com água de cheiro, para lavar o adro e a escada. Vitória dos fieis e sua devoção.

Para os irmãos da Devoção, a Lavagem também se constituiu num ato incômodo, pois, segundo Carvalho Filho, “Esta prática foi ocasionando tais abusos, que a

bem da religião e da moral mister foi extingui-la”⁵¹. No livro escrito por esse membro da irmandade, há apenas um pequeno comentário sobre a celebração, que, para muitos baianos significa a própria Festa, como se fosse mais prudente não evidenciá-la. A descrição só aparece na nota 23:

Desde os tempos primitivos da Devoção do Senhor do Bom-Fim, se costumava, na quinta-feira anterior ao domingo da sua festa, proceder à lavagem da Capela; a princípio feita por mui poucas pessoas da vizinhança, foi depois tornando-se mais concorrida essa prática, de forma a ser mui grande o número de romeiros que, desde a véspera, começavam a afluir, muitos vindo de lugares ainda os mais longínquos, para tomarem parte na já chamada Lavagem do Bom-Fim (grifo do autor).⁵²

As proibições e críticas à Lavagem do Bonfim, durante o século XIX, não foram suficientes para que os fieis deixassem de realizar esse ato de fé, para eles, absolutamente sagrado. As portarias e normas eclesásticas foram apenas em parte obedecidas. Na quinta-feira,

⁴⁹ Idem.

⁵⁰ APEB - Setor Colonial - Seção de arquivos coloniais e provinciais. Inventário dos documentos do Governo da Província – II Parte. Dom Antônio Luís dos Santos. **Carta para Pe. Pedro José Teixeira dos santos, pároco colado da freguesia de Nossa Senhora da Penha.** Salvador, 21 de dezembro de 1889, maço 5209, caderno 1866.

⁵¹ CARVALHO FILHO, op. cit., p. 31.

⁵² Idem, nota 23, p. 152.



Lavagem da Igreja do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.

os devotos não podiam mais entrar no templo, que, a partir da proibição de Dom Luís Antônio dos Santos, teve as portas fechadas. No entanto, a interdição não foi capaz de apagar o brilho, a alegria e a emoção de se homenagear o Senhor do Bonfim e Oxalá na porta, no adro e no largo em frente ao templo. Em pleno século XX, as baianas, munidas de vassouras, flores e vasos com água de cheiro, continuam a purificar o espaço em torno da Igreja e os corpos dos fieis, tornando a quinta-feira o dia de maior destaque da Festa do Bonfim.



Lavagem da Igreja do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.

2.2 FÊ, PROMESSAS E OFERENDAS

A cidade do Salvador teve, desde a sua fundação, um forte apelo religioso. Os portugueses implantaram um catolicismo tradicional – de raízes ibéricas, medieval e nitidamente marcado pela força do laicato, o que se pode notar no culto aos santos. De acordo com João José Reis⁵³ é característico do catolicismo barroco, difundido no Brasil durante a colonização, a valorização da exteriorização da fé através de novenas, romarias, procissões e festas, momentos em que ocorreria o intercâmbio de energia entre o homem e o divino. Segundo essa interpretação não bastaria que o fiel realizasse uma simples prece individual para alcançar uma graça, a intercessão com o divino seria maior quanto mais espetacular e grandioso fosse a manifestação da sua fé.

Os santos, dessa forma, funcionavam como intermediários entre os homens e Deus. Na religiosidade popular, muitas vezes é estabelecida uma relação de intimidade com o divino, que está calcada na certeza da reciprocidade. Ou seja, os fieis esperam que suas graças sejam atendidas e, em resposta aos seus apelos rendem diferentes homenagens aos santos.

O autor da história da Devoção nos revela que, no tempo da navegação a vela, os marujos, descalços, entoando cânticos religiosos e carregando um pano da embarcação, costumavam sair em procissão do cais em direção ao Bonfim. Pelas ruas que percorriam, recolhiam esmolas. Ao chegarem ao adro, colocavam preço no pano e contavam o dinheiro recebido. Se o valor não fosse correspondente ao estabelecido pelo pano, completavam. Se, ao contrário, a quantia excedesse, tudo era entregue para o cumprimento da promessa. Entravam no templo, faziam as orações e depositavam a oferta no cofre.⁵⁴

O ato de ofertar é comum em muitas religiões: no judaísmo, no cristianismo e no candomblé esse ato tem a ver com a maneira de agradecer ou pedir alguma graça. A retribuição, no catolicismo, pode ocorrer na forma de orações, romarias ou na entrega dos ex-votos.

⁵³ REIS, J. J. *A Morte é uma Festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

⁵⁴ CARVALHO FILHO, op.cit., p. 28.



Festa do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.

a. OS EX-VOTOS

O culto ao Senhor do Bonfim e a fé em seus milagres fez com que muitos fieis viessem a esse templo sagrado pagar suas promessas.

São encontrados na Igreja do Bonfim os mais diversos objetos que representam as dádivas já alcançadas, os chamados ex-votos. Esses objetos bem variados são: pinturas, fotografias, mas, sobretudo, objetos moldados em cera, pendurados no teto da sala, representando pernas, braços, mãos e outras partes do corpo em que a graça foi alcançada. Dessa forma, através da oferenda dos ex-votos, o fiel cumpre sua promessa.

Segundo Oliveira⁵⁵, quando a Igreja do Bonfim ainda não tinha sido construída, já existiam os ex-votos na igreja da Penha. A transferência da imagem do Senhor do Bonfim para a nova Igreja, em 1754, não foi acompanhada da transferência dos ex-votos, perdendo-se, assim, todos os objetos dos anos 1745 a 1754.

Mesmo que o conceito original de ex-votos esteja relacionado a objetos depositados no templo depois da graça conquistada, na Igreja do Bonfim, é possível encontrar muitos pedidos, seja de caráter momentâneo ou durável, e objetos que antecedem aos pagamentos das promessas. Os cartões de identificação de vestibulandos são um exemplo. Oliveira afirma que a vela também constitui um ex-voto, “ela, queimada, terá novamente outra, marcando um ciclo de rezas sempre referenciando diversificados pedidos.”⁵⁶

Os ex-votos do Bonfim podem ser vistos em dois espaços da Basílica: na Sala dos Milagres (também chamada de sala dos ex-votos), que está localizada no corredor ao lado direito da nave única, e no Museu dos Ex-Votos, cujas escadas se iniciam na Sala dos Milagres, ocupando a parte superior do presbitério.

O Museu dos ex-votos surgiu a partir da acumulação de ex-votos na Sala dos Milagres, sendo, portanto uma derivação dela. O que diferencia a Sala dos Milagres do Museu dos Ex-votos é o valor do acervo. As peças que estão no museu são mais antigas e valiosas. Peças de ouro e prata, moedas e cédulas estrangeiras, uma série de antiguidades pertencentes à Devoção do Senhor do Bonfim, e até dissertações de mestrado e doutorado compõem o acervo do Museu. O Museu também possui uma área maior. São duas salas: a primeira acomoda vestimentas, mobiliários e uma diversidade de objetos ofertados e, na segunda sala, encontram-se, nas vitrines, os objetos de grande valor.



Museu de Ex-votos, Igreja do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.

b. A MEDIDA DO SENHOR DO BONFIM

A fama de milagroso do Senhor do Bonfim se espalhou pelo Brasil, atraindo romeiros de todas as partes para os festejos. Quando retornavam às suas casas eles gostavam de levar lembranças, corroborando assim para que a Devoção produzisse “medidas” ou “fitas de pano” confeccionadas por pintores profissionais. Segundo Carlos Ott, a primeira referência sobre as medidas do Senhor do Bonfim estão registradas no Livro de Despesas da Devoção, onde consta a encomenda de medidas no ano de 1807.⁵⁷

Originalmente, chamada de “medida” pelo fato de corresponder ao comprimento do braço direito da imagem do Senhor do Bonfim – 47 cm -, a fita do Bonfim era bordada a mão, em tecido de seda ou algodão, com fios dourados ou prateados. Ela era mais larga do que a atual e não possuía a cruz que lembra o símbolo da cruz vermelha, sua cruz era semelhante àquelas trazidas nas caravelas.⁵⁸ Usava-se como marcador de livros, como também em bolsas e carteiras de cédulas, como proteção e relíquia.⁵⁹

⁵⁵ OLIVEIRA, José Claudio Alves de. Santuário do Senhor do Bonfim. Ex-votos, patrimônio cultural e fé. In: Revista Eletrônica de Turismo Cultura, nº 01, abril, 2007.

⁵⁶ Idem

⁵⁷ OTT, Carlos. Op. Cit. p. 45

⁵⁸ FERREIRA, Ana Débora Alves. Trocando em miúdos a “Medida do Bonfim”. Anais do I Enecult, 2003.

⁵⁹ DEVOÇÃO de um povo: dois séculos e meio. Salvador: Devoção do Senhor do Bonfim, 1995, p. 3.



Vendedor de fitas do Bonfim – Foto: Pierre Verger, 1959.

Em um primeiro momento, a difusão das medidas ficou restrita às pessoas de posse e às famílias abastadas que, as comprando, contribuíam com a arrecadação de dividendos para a Igreja, uma vez que toda produção e comercialização eram controladas pela Devoção.

A tradicional medida do Bonfim foi substituída por outra a partir da industrialização das fitas, principalmente quando elas começaram a ser produzidas por empresas de outros estados, sem nenhuma referência ao culto. Passaram a ser confeccionadas em poliéster, com medidas que variam entre nove e dez milímetros de largura e 44 a 50 centímetros de comprimento.⁶⁰

A fita do Senhor do Bonfim tornou-se tão popular que é possível identificá-la como um dos grandes símbolos da cultura soteropolitana. Representações das fitas do Bonfim estão expostas em bolsas, biquínis, vestidos e tantos outros adornos, além de servirem de inspiração para a confecção de jóias caras.

Entretanto o seu sentido religioso não desapareceu completamente. Atualmente, as pessoas usam a fita do Senhor do Bonfim no pulso, com nós que correspondem ao número de pedidos, normalmente três, na expectativa de alcançar uma graça, que deverá acontecer quando a fita se partir. Pode-se também amarrá-las nas grades que circulam a Basílica do Bonfim e realizar os pedidos. É comum ainda observá-las penduradas nas chaves dos carros ou nos retrovisores internos dos veículos, indicando que, após a compra do automóvel, o dono foi até

a Colina Sagrada para pedir a benção e a proteção do Senhor do Bonfim.

⁶⁰ FUNKE, Katherine. Fitas do Bonfim ainda são importadas de São Paulo – Fracasso da Cooperfitas fortalece monopólio de fabricantes do Sudeste. *Jornal Correio da Bahia*, Salvador, 18 jan 2004, Caderno Aqui Salvador, p. 2.



Fitas do Senhor do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.

2.3 RELATOS DA FESTA

A equipe que elaborou este dossiê decidiu destacar alguns testemunhos sobre a Festa do Bonfim, que considerou singulares e relevantes para a compreensão da Festa. Ao avaliar o valor literário e artístico desses registros singulares, optou-se pela transcrição de alguns trechos, ainda que um pouco extensos. Nas seções seguintes, esses documentos serão retomados, construindo-se uma conexão entre os testemunhos das cenas da Festa do Bonfim no passado e nos dias atuais.

O primeiro desses relatos é o de Maximiliano de Habsburgo⁶¹ (naturalista austríaco que visitou a Bahia em 1860). Desejoso por conhecer os trópicos, ele desembarcou em Salvador no mês de janeiro, período pleno de festejos religiosos, inclusive da Festa do Bonfim. Apesar de católico, nosso visitante foi bastante crítico em relação à vivência do catolicismo baiano, não apenas pelos batuques e festejos dos africanos (escravos e libertos), como também dos portugueses. Não os poupou de comentários ríspidos e reprovadores, nem aos padres que viu em atividade.

Ao chegar à Colina, Maximiliano de Habsburgo ficou admirado com tanta movimentação de fieis e, ao mesmo tempo, dos vendedores. Percebendo o comércio na praça e no adro da igreja como um “movimento confuso de feira”, onde “caixas de vidro cheias de comestíveis pairavam, ousadamente, sobre a multidão. Pequenos grupos de fornecedores de cachaça formavam as ilhas, no mar de pessoas”⁶². E, para seu espanto, “barulho e gritos estridentes de alegria” estavam presentes até dentro da igreja:

Pelo vestibulo emanava uma atmosfera alegre e festiva. Em longa fila, estavam sentadas, junto a uma das paredes, moças negras, alegres – sua graça bronzeada não estava escondida, mas envolta em gazes transparentes e lenços de cores berrantes – em meio a um falatório estridente, nas posições mais confortáveis, sensuais e desleixadas, vendendo, parte em cestos, parte em caixas de vidro, toda espécie de bugangas religiosas, amuletos, velas e comestíveis.⁶³

Tudo leva a crer que Habsburgo, na condição de “católico respeitável”, ainda esperava encontrar um ambiente de respeito e contrição dentro da igreja, mas sua esperança terminou ao se deparar com o padre na sacristia. Relatou haver encontrado um “padreco amarelo”, próximo aos paramentos e ao cálice, que conversava “comodamente e da maneira mais solícita” com algumas senhoras. Ao presenciar o mesmo padre diante do altar, nosso informante teve “um arrepio de indignação”, pois o que observava não podia ser chamado de missa, e sim, “o sabá negro das

feiticeiras”, e ainda comparou a nave da igreja a uma “sala de dança, grande, alegre e animada”.⁶⁴

Habsburgo reduziu a Lavagem, momento de devoção dos baianos, a uma romaria de mulheres munidas de vassouras “a fim de obter fertilidade”. Quando resolveu sair da “louca bacanal”, o visitante ainda se deparou com o “povo ignorante”, em pleno meio-dia, a soltar foguetes, “segundo costume luso-brasileiro”.⁶⁵

Por conta do ambiente descontraído, no qual se desenrolava a cerimônia de entrelaçamento entre o profano e o sagrado, o visitante não conseguia distinguir o culto cristão da festa popular, supondo que o sentimento religioso não era a principal motivação dos fieis. Era difícil para os visitantes observarem festas católicas sob o aspecto religioso, pois não compreendiam o sincretismo das comemorações. Os viajantes estrangeiros criticavam a organização e a estrutura dos rituais, influenciados por uma perspectiva mais ortodoxa do catolicismo romano e, por vezes, uma visão protestante. Nesse sentido, os eventos estariam perdendo sua função religiosa e passavam a ser contemplados como um espetáculo, uma curiosidade local.

Já nos anos 1920, José Eduardo de Carvalho Filho, assim como Maximiliano de Habsburgo no século an-



Lavagem no interior da Igreja do Bonfim – Foto: Voltaire Fraga, 1950.

⁶¹ HABSBURGO, Maximiliano de. **Bahia, 1860**: esboços de viagem. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1982.

⁶² Idem, p. 128.

⁶³ Idem, p. 129.

⁶⁴ Idem, p. 129-130.

⁶⁵ Idem, p. 131-132.



Yaôs da Casa de Oxumarê em romaria ao Bonfim, após iniciação
– década de 1950

terior, também considerou a Lavagem da Igreja do Bonfim uma blasfêmia. Segundo ele, a “espécie de devoção e conveniente decência” deu lugar a “uma verdadeira bacanal” que deveria ser extinta “a bem da religião e da moral”. Nossos dois informantes não foram contemporâneos, mas faziam parte da elite branca e letrada, baiana e austríaca, respectivamente, e, por isso, da mesma forma, se incomodavam com a presença da população negra nos festejos do Bonfim, apesar de reconhecerem que da Lavagem também faziam parte “muitas pessoas da melhor sociedade”⁶⁶, como ressaltou Carvalho Filho. Porém, ele deixou clara a sua posição no trecho retirado da nota 23 do seu livro:

Nessa época condenável de desmandos a que me referi, grande era a concorrência de gente de cor, mestiços e africanos de ambos os sexos que tomavam parte na Lavagem.

Não raro, viam-se no interior da Capella mulheres lamentavelmente descompostas pelo arregaçado das saias e decote das camisas. Homens e mulheres derramavam água e com as vassouras esfregavam o lagedo em uma vozeria pelos cânticos de bemditos e outras rezas desconhecidas e diversas, ao mesmo tempo em que eram erguidos estrepitosos vivas ao Senhor do Bom-Fim e N^a S^a da Guia. Difícil era conter essa gente que assim o fazia, por entender, creio eu, que desse modo não desrespeitava a Deus e bem servia ao Senhor.⁶⁷

Uma década mais tarde, o repórter João da Silva Campos iniciou o capítulo VI de um artigo, nos

Anais do Arquivo Público da Bahia, com uma afirmação radical:

Oxalá aqui na Bahia é o Senhor do Bonfim. As filhas de santo [em itálico no original] trajam sempre de branco. Alimentavam-se no tempo dos africanos de milho branco, de acaçá branco e de aberém branco. Nas sextas-feiras não comiam carne⁶⁸

Logo em seguida, passa a narrar a cena, destacando um acontecimento muito significativo para efeito da composição deste Dossiê, como se verá páginas adiante.

Eis o que vi na primeira sexta feira de agosto de 1929, na Basílica do Bonfim. Chegaram ao templo umas vinte creoulas e mulatas, novas, bem novas algumas talvez impúberes, quase meninas, de saia, torso e pano da Costa brancos. Entraram num bolo, cabisbaixas, e num bolo sentaram-se no chão, defronte do altar do Coração de Jesus, onde um frade franciscano celebrava missa. Viera guiando-as, com ar triunfante de comando, fronte erguida [sic] mulata clara, de boa estatura, esbelta, moça simpática, ou mesmo bonita, ostentando muitas voltas de contas coloridas ao pescoço e nos pulsos. Algumas creoulas de saia que se achavam na igreja apontavam-na e cochichavam entre si. Cheguei-me a uma que se me afigurou ac-

⁶⁶ Idem, nota 23, p. 155.

⁶⁷ Idem, nota 23, p. 154.

⁶⁸ *Anais do Arquivo Público da Bahia sob a direção de Alfredo Vieira Pimentel*. Volume XXIX (1943). Bahia, Imprensa Oficial, 1946, p. 301.

cessível, perguntando-lhe: “Minha negra, quem é aquela?” – “É u’a mãe de santo [em itálico no original]. É a Joana”⁶⁹.

No trecho seguinte, o repórter como que dá lugar ao etnólogo mais acurado. O testemunho de João da Silva Campos alcança então uma acuidade comovente, tanto do ponto de vista literário quanto da precisão etnográfica. Sem pretender-se cientista, como ele próprio confessa no início do seu artigo, o cronista nos legou trechos de rara precisão etnográfica.

Vinha trazida pelo grupo uma criancinha de peito, envolvida em panos brancos que andava de braço em braço. As mulheres de branco não mudaram de posição durante a missa, conservando-se sentadas, as cabeças pendidas, como se cochilassem. Uma das mais novas ressonava com a fronte repousada no seio da parceira. Finda a missa, a mãe-de-santo [em itálico no original,] aquela mulata alinhada, despertou-as e saíram [sic]. Não me foi possível segui-las. Que era aquilo? A creoula que me dera a primeira informação havia desaparecido⁷⁰.

Não é difícil compreender o que trata o relato de Silva Campos. A mãe-de-santo, provavelmente auxiliada por algumas de suas filhas-de-santo, levava à Igreja algumas iaôs⁷¹ em processo de iniciação⁷². Durante muitas décadas, os candomblés levavam seus neófitos – mais frequentemente, suas neófitas – ao Bonfim, como um dos elementos da iniciação, segundo refere o próprio Edison Carneiro, costume que ainda hoje se observa, embora em menor frequência. O estado psíquico alterado em que se encontravam as neófitas é característico do período da iniciação, mesmo que não se possa afirmar que seja exclusivo desse período. Enfim, a mãe-de-santo levou um barco [grupo de iniciandos] para cumprir uma etapa importante na sua formação. Percebe-se que, em que pese a hostilidade que caracterizou, em muitos períodos, a posição de representantes da Igreja, do governo e da polícia com relação ao candomblé, não impedia que acontecessem, num templo de ampla afluência popular, cenas como essas, que mostram uma profunda interação de duas matrizes religiosas tão distintas entre si.

Outro testemunho daquele período vem da antropóloga judia norte-americana Ruth Landes. *The City of Women* foi publicado em 1947, mas as anotações de que parte a autora na sua admirável reconstituição da vida social tecida em torno do candomblé são de 1938-39. O que colocamos neste Dossiê são algumas observações suas que comparecem ao livro como elementos do contexto em que se destaca a liderança feminina – sobretudo de Menininha do Gantois, ialorixá que, à época, havia cumprido 16 dos 64 anos que duraria seu prolongado sacerdócio.

Ruth Landes compartilhava a construção de Edison Carneiro correspondente a interseções afetivas e efetivas entre o catolicismo e a tradição dos orixás.

A filosofia, o misticismo e a emocionalidade do candomblé sempre me intrigaram. Aprendi a conhecê-lo de modo rotineiro,



Yaôs da Casa de Oxumarê em romaria ao Bonfim, pós-iniciação – década de 1930.

⁶⁹ Idem, p. 301.

⁷⁰ Idem, p. 301-302.

⁷¹ Iaô, Yao Iyáwô ou Iyawô é a denominação das filhas de santo que estão em processo de iniciação no candomblé. Depois de uma fase de aprendizagem, os filhos de santo assumem o compromisso de realizar uma série de atividades destinadas ao orixá. In: GASPAR, Eneida. Op cit, p. 50

⁷² No candomblé, os filhos de santo passam por um processo de iniciação em que “morrem” para a vida comum, renascendo para uma nova vida de devoção ao orixá. Para isso, eles passam por um processo de reeducação que simboliza a infância de sua nova vida. In: Idem, p.50. Agenor Rocha afirma que na Nação Ketu “o processo iniciático começa com a ‘feitura do santo’ ou ‘feitio santo’ e se completa com a ‘obrigação de sete anos’. Antes da feitura, a pessoa pode passar por uma etapa preliminar que é a ‘lavagem de contas’, que dá à pessoa a condição de abiã, ou seja, alguém que está sendo preparado para passar pelo processo de iniciação (...)” In: ROCHA, Agenor Miranda. Op cit. p. 97

como alguém que aprende uma nova língua na escola, e me tornei um dos seus adeptos; as minhas reações, porém, eram tão distantes como as de uma máquina de calcular para com os números. Tomei-me de simpatia pela gente, admirava a qualidade da sua vida – que tinha a riqueza de um brocado – e desejava saber mais. Estou agora convencida de que Edison tinha razão quando dizia que os seguidores do culto eram realmente bons católicos⁷³.

No trecho seguinte, Ruth Landes reporta as palavras do antropólogo baiano, daí as aspas:

“Os sacerdotes católicos ensinam ao povo as mesmas coisas que as mães – ou seja, confiança nos santos e obediência a mandamentos mais do que à própria razão. Deus é uma idéia familiar nesta cidade de catedrais. Os sacerdotes católicos dizem que é importante conhecer a sua vontade, mas que, sob quaisquer circunstâncias, é obrigatório obedecer-lhe! O povo fala de Deus na ‘vida católica’ e em Oxalá ‘na africana’; e isso significa que acreditam estar praticando uma única religião, embora empreguem duas linguagens ao fazê-lo”⁷⁴.

É importante considerar a perspectiva da autora no que diz respeito às relações entre as duas matrizes religiosas para melhor compreendê-la quando se refere

à Festa do Bonfim e ao contexto das festas realizadas entre o Natal e o Carnaval.

Nosso Senhor do Bonfim é o padroeiro da Bahia; é Jesus e Oxalá. A lavagem da igreja, ao mesmo tempo rito católico e africano, se realiza nos começos do Ano Novo e simboliza renovação e esperança. Nos templos, a água [em itálico no original] (ou lavagem) de Oxalá tem lugar mais cedo, até mesmo em setembro. Mas todo mundo participa da cerimônia católica. Está entre as primeiras festas das janeiras, ciclo de festas pré-carnavalescas. Durante vários anos, a Bahia não fez a festa da lavagem [em itálico no original]; mas, naquele ano, a cidade tencionava fazê-la, malgrado a morte recente do Papa [...] nos primeiros dias de dezembro, os baianos tinham começado a festejar e a frequência às festas aumentara regularmente até que, ao chegar o momento da lavagem, havia festas todo dia. O entusiasmo era muito contagiante [...]”⁷⁵.

⁷³ LANDES, Ruth. **A cidade das mulheres**. Trad. Maria Lúcia do Eirado Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, p. 100.

⁷⁴ Idem, p. 101-102.

⁷⁵ Idem, p. 260-261.



Cortejo das baianas – Foto: Voltaire Fraga, 1950.

O que costuma surpreender os leitores da antropóloga norte-americana é a proximidade de suas descrições com relação às cenas da Festa do Bonfim nas últimas décadas do século XX.

Em 1944, penúltimo ano da II Guerra Mundial, Jorge Amado escreveu uma crônica singular sobre os festejos do Bonfim, que inclui o registro de um V da Vitória. Trata-se de um capítulo de *Bahia de Todos os Santos. Guia de ruas e mistérios*, editado, pela primeira vez, em 1945. Naquele janeiro de 1944, havia um número considerável de soldados brasileiros – os pracinhas –, inclusive baianos, e a Guerra, assim, parecia muito próxima.

Há um ar de festa nas ruas comerciais e o rosto dos homens se abre em sorrisos. (...) Atrás, as “filhas-de-santo” de diversos candomblés, com suas saias engomadas de muita roda, suas anáguas e seus turbantes, e tudo cheio de flores, e sobre as cabeças, num equilíbrio quase milagroso, os cântaros, as bilhas, os potes e os moringues. Filhas-de-santo de todos os candomblés da cidade, da Goméia, do Bate-Folha, do Engenho Velho, do Gantois. Vestidas de todas as cores, levam para o santo as coisas mais puras do mundo: as águas e as flores, a alegria também. Vêm logo depois da vela da Vitória, e o seu canto, onde ressoam atabaques e agogôs, lembra os cantos de guerra dos caçadores negros dos desertos da África. Em fila, carregando galhos sagrados de pitangueiras, seguem-se os baleiros, os vendedores de queimados, doces e chocolates na cidade da Bahia. Conduzem ramos de folhas, formam com as baianas a guarda de honra da vela da Vitória.

E vêm os aguadeiros, em jumentos e carroças. Dizer jumentos e carroças é dar uma triste e falsa idéia do que é este espetáculo. Os jumentos desaparecem sob papel de seda recortado, coisa tão lírica jamais se viu!, as carroças desaparecem sob as flores, tão variadas e tão numerosas. Não eram carros florais de primavera, não eram jumentos, eram animais simbólicos e lendários. Nunca se reuniu no mundo tanto colorido, tanta graça e tanta alegria. Todas as cores nos vestidos das baianas, nos papéis pintados, nos desenhos dos tabuleiros, nas flores sobre as filhas, os moringues, os potes. Ah! A sedução destas bilhas, destes potes, destes moringues... As frutas da Bahia, mangas, laranjas, sapotis, abacaxis, esplêndidas, saltam dos tabuleiros, são para o santo. Porque Senhor do Bonfim, como os orixás negros, recebe presentes de frutas nos ritos africanos⁷⁶.

Pouco depois que Jorge Amado escreveu o texto acima citado, o etnólogo Edison Carneiro, comentando, em 1945, as comemorações do bicentenário da Festa do Bonfim, pode ser lido ao mesmo tempo como um lamento e uma crítica; aos efeitos deste Dossiê, en-

tretanto, sua contribuição pode ser tomada como um testemunho de singular relevância da relação entre a Festa do Bonfim e o conjunto das manifestações culturais praticadas pelo povo de Salvador naqueles meados de século XX.

O Centenário do Senhor do Bonfim reduziu o povo da Bahia à situação de simples espectador nos festejos do padroeiro da cidade. Houve somente retretas no Largo da Penha e no Adro do Bonfim, com fogos de artifício. O povo foi chamado a participar das comemorações exclusivamente nas procissões de ida e volta da imagem, entre o Bonfim e a Penha.

A ocasião era, entretanto, excepcional para a realização de festas populares que tornassem inesquecível o dia 18 de abril de 1945.

Poder-se-ia preparar uma chegada na Ribeira. Os negros da cidade, tocando os seus atabaques, invocariam os seus orixás no largo do Papagaio, como o faziam outrora. Os negros mais idosos ressuscitariam o festival africano das máscaras nos Dendzeiros. Em qualquer parte da península de Itapagipe, voltariam ao tablado os bailes pastoris. Do Mercado Modelo, partiria a grande e colorida expedição popular para a lavagem da igreja. Ternos e ranchos de Reis saíram à rua, a disputar prêmios nos palanques da Penha e do Bonfim. Organizar-se-iam rodas [em itálico no original] de samba e de capoeira. Desfilariam batucadas pela Ribeira. Tendinhas de sarapatel, mocotó, caruru e vatapá coalhariam o Adro do Bonfim e o Largo da Penha. O pequeno Carnaval da Segunda-Feira do Bonfim voltaria a animar a velha cidade...

Esta é a tradição popular das festas do Bonfim – uma tradição que data de depois do término da guerra do Paraguai, segundo Manoel Querino –, desconhecida pelo programa oficial das comemorações.

O povo da Bahia foi vítima, assim, de clamorosa injustiça. Como destinar-lhe, no bicentenário do Bonfim, papel tão inexpressivo? Somente a sua participação ativa satisfaria a verdade histórica, tradicional e religiosa da Bahia⁷⁷.

Para Edison Carneiro, a Festa do Bonfim, além de seu significado próprio, era também a culminância das diversas manifestações culturais festivas do verão de Salvador. A quantidade de práticas lúdicas tradicionais a que se refere aparece como que reunida em torno da festividade.

⁷⁶ AMADO, Jorge. *Bahia de Todos os Santos. Guia de ruas e mistérios*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1945, p. 133-134.

⁷⁷ CARNEIRO, Edison. *A sabedoria popular*. Apresentação e notas de Raul Lody. 3 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008, p. 60-61.

FESTA DO BONFIM: A MAIOR MANIFESTAÇÃO RELIGIOSA POPULAR DA BAHIA



Igreja do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.

3. A Festa do Bonfim na contemporaneidade

Toda festa é lugar de memória sendo, deste modo, portadora das tradições de diversos grupos sociais que, através das celebrações, reafirmam suas identidades e suas crenças. A historiadora Mary Del Priore nos lembra que:

“Na roda da festa, como na roda da vida, tudo volta inelutavelmente ao mesmo lugar, os jovens aprendendo com os velhos a perpetuar uma cultura legada pelos últimos.”⁷⁸

Tradição festiva não é, entretanto, sinônimo de imutabilidade, pois, como aponta Michel Vovelle, uma vez que não há “história imóvel, não há uma festa imóvel”⁷⁹. Toda história de uma festa é uma história de mudanças, e a Festa do Bonfim não é diferente. Mesmo acontecendo todos os anos, a festa nunca é igual ao ano anterior. A estrutura dos festejos se repete de forma semelhante, mas novos elementos e significados são incorporados a cada ano, ao mesmo tempo em que alguns são suplantados. Os próprios participantes celebram e, portanto, revivem o passado a luz das experiências do presente.

A Festa permanece com os seus elementos básicos: Novena, Terno de Reis, Cortejo, Lavagem e Missa solene. Os ritos católicos se mantiveram, durante os quase três séculos de existência da Festa, com o tradicionalismo das celebrações litúrgicas. No entanto, a partir da Festa de 2009, começou a ser realizada Procissão dos Três Pedidos, no domingo de encerramento da festa. Acreditamos que essa iniciativa foi uma maneira de conquistar novos participantes e, entre outras razões, proporcionar uma visibilidade maior às cerimônias católicas da Festa do Senhor do Bonfim.

Este capítulo do Dossiê refere-se aos contornos da Festa do Bonfim na atualidade em todos os seus aspectos,

embora o Cortejo e a Lavagem ocupem aqui um espaço de destaque por ser o dia de maior expressividade, por atrair o maior número de participantes e por conta das variadas manifestações religiosas e culturais que ocorrem nesse dia. Assinalaremos as principais incorporações e apropriações que vêm ocorrendo no passado recente, bem como questões relacionadas à gestão da Festa, hoje. Por fim, evidenciaremos que a referência da Festa do Bonfim extrapolou os limites locais, estando presente em outras regiões do Brasil e chegando, até mesmo, à África.

⁷⁸ DEL PRIORE, Mary. Festas e Utopias no Brasil Colonial. São Paulo: Brasiliense, 2000. p. 10

⁷⁹ VOVELLE, Michel. Ideologia e Mentalidades. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 251



Lavagem da Igreja do Bonfim – Foto: Pierre Verger, 1947.

3.1 O FLUXO DO CORTEJO

A partir da memória dos idosos entrevistados, como também das fontes encontradas nos jornais locais, o dia da Lavagem é considerado como o mais importante da Festa do Bonfim. Entretanto veremos que o Cortejo e a Lavagem não se configuram de forma simples, pois não são percebidos e vividos do mesmo jeito por todos.

Para compreender o fluxo do Cortejo na sua extensão geográfica, é preciso atentar para uma complexa rede de caminhos que vêm ter à rota principal, qual seja, ligando a Conceição da Praia ao Largo do Bonfim. Não há, a não ser no momento da Lavagem das escadarias da Igreja do Bonfim, um centro da festa nesse dia. Durante todo o percurso, e nas suas proximidades, existem vários núcleos festivos que se desenvolvem nas ruas da Cidade Baixa. Sendo assim, o Cortejo não acontece da mesma forma para todos os que dele participam, uma vez que as pessoas traçam caminhos distintos até desembocarem na rota principal que levará a Colina do Bonfim.

Desde a saída, o Cortejo da Lavagem é um desagudouro de muitos pequenos cortejos que vão confluindo a partir de muitos e diferentes locais de origem. Desde cedo, descem alguns pequenos grupos da Ladeira da Conceição e mesmo da Avenida Contorno, sendo que algumas pessoas ainda se arrumam, seja nos trajés, seja nos apetrechos que nessas horas se reconfiguram em adereços: chapéus, bonés, viseiras, bandanas, toalhinhas, colares, cataventos. Gente dos Barris, da Barra e de diversos bairros que têm linhas de ônibus até o ponto mais próximo do Elevador Lacerda, qual seja, hoje, a rua do Pau da Bandeira.

Alguns desses participantes saem do Elevador em forma de bandos curiosos, inclusive de turistas, querendo ver que deslocamento seria mesmo aquele que, para eles, se descortina subitamente. Sem referência outra que o próprio rumo, essas pessoas seguem. A referência é prosseguir. Aos participantes que já estão em Salvador, vêm-se juntar os que descem das lanchas do cais da Companhia Baiana de Navegação, atravessando rapidamente a Avenida da França. Essas lan-



Vista aérea do percurso do Cortejo da Lavagem da Festa do Bonfim.

chas trazem moradores da porção meridional da Ilha de Itaparica, bem como de localidades do Recôncavo – Nazaré das Farinhas, Salinas da Margarida, Santo Antônio de Jesus.

Da Praça Riachuelo, pode-se ver outros grupos, estes vindo do Taboão, trazendo gente de Nazaré, do Centro Histórico, do Carmo, da Saúde. Mais adiante, no Mercado do Ouro, descem moradores vindos de Santo Antônio Além do Carmo. Do Barbalho, vêm outros grupos pela Ladeira da Água Brusca. Um pouco depois, descem outros romeiros da Lapinha e de boa parte da Caixa D'água, Liberdade, Tamarineiro e IAPI, pela Ladeira São Francisco de Paula, que leva da Lapinha à Jequitiaia. Da Ladeira da Soledade, descem os grupos que vêm ter à Cidade Baixa desde a Baixa

de Quintas, os Dois Leões e adjacências. Esses bairros constituem a maior aglomeração demográfica do traçado tradicional de Salvador.

A corrente volta a engrossar na altura de São Joaquim, com a chegada do ferry-boat, com gente da porção setentrional da Ilha de Itaparica, bem como de diversos pontos do Recôncavo e do Baixo Sul – Jaguaripe, Valença, Taperoá, Nilo Peçanha, Morro de São Paulo, etc. Um pouco adiante, chega mais gente do Plano Inclinado da Liberdade, na Calçada. Aí, chegam levas e mais levas de gente da Suburbana, do Lobato a Paripe, o que corresponde a uma extensão de quilômetros de subúrbios. Até os anos 80, os ônibus se misturavam aos cavalos, caminhões e caminhonetes que vinham sobretudo desta parte da cidade



Chegada do Cortejo ao Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.

Outras levas de participantes chegam do eixo da Avenida Suburbana através do Terminal Marítimo da Ribeira, a extremidade norte da península de Itapagipe, e vão se somar diretamente à Festa do Bonfim, através da Avenida Beira Mar.

Gente do Bairro Guarani, parte da Liberdade, desce diretamente pelas ruelas que vão dar ao que um dia foi chamado Bom Gosto da Calçada. Nos Mares, esta multidão engrossa com o pessoal que vem do Uruguai e parte do Jardim Cruzeiro e da Massaranduba.

Chegando ao Largo de Roma, é a Península de Itapagipe que se faz centro da cidade. O que se destaca do mapa na direção do centro da baía realiza o milagre de caberem todos que chegam, entre o Largo de Roma e a Baixa do Bonfim. Chega à Baixa do Bonfim e às imediações da Igreja, incluindo a Colina Sagrada, a Ladeira da Lenha e a Praça Divina, já no início da Avenida Beira Mar, a rua do Céu e a rua Guilherme Marback.

A multidão espalha-se já sem a característica própria da romaria em termos de percurso – não é mais preciso ansiar pela chegada, já se encontra no lugar sa-

grado da Festa. São pequenos grupos que se procuram, turmas com camisa uniformizada, círculos de familiares, colegas, vizinhos e amigos que costumam se encontrar no mesmo ponto há muitos anos. A cada componente que chega, é uma festa. O grupo ganha novos contornos, a Festa do Bonfim se recompõe, tudo parece mais completo, numa atmosfera de muita alegria.

Até os nossos dias, a saída do Cortejo é encabeçada por um conjunto de dezenas de baianas. Logo cedo, elas concentram-se em frente à Basílica da Conceição da Praia, onde um número expressivo de baianos e turistas – brasileiros e estrangeiros – aguarda a saída do Cortejo. Nos depoimentos de alguns membros de terreiros, é como se o Cortejo tivesse início na véspera, nas suas casas de santo, com a reunião daqueles que iriam juntos, no dia seguinte, ao Bonfim. A maioria dos que participam do Cortejo a partir da Conceição chega aí de ônibus. Anos atrás, o governo estadual provia o transporte desde alguns pontos da cidade, para facilitar o acesso das baianas, sobretudo as mais idosas, ao Comércio.



Baianas na Lavagem da Igreja do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.

Há uma diversidade considerável nas formas como as casas de candomblé participam da Lavagem. Em alguns casos, o envolvimento na Lavagem do Bonfim chega a integrar o processo de iniciação. Observa-se, por exemplo, que algumas iaôs, sobretudo aquelas com pouco tempo de iniciação, entram em transe durante o Cortejo, e mais frequentemente quando este chega às escadarias do Bonfim. Em outros casos, uma visita ao Bonfim é necessária em algum dos dias fortes do novenário.

Os membros dos Terreiros que seguem o Cortejo ritualmente não consomem bebidas alcoólicas durante o percurso. Somente ao chegar à Colina é que, tendo cumprido sua obrigação, podem se entregar ao prazer da bebida. Esse preceito parece generalizado entre os candomblés associados à Lavagem, sendo considerada falta de respeito a ingestão de cerveja ou outra bebida enquanto a água ritualmente preparada ainda estiver no interior da quartinha, pronta para ser despejada sobre o adro e as escadarias da igreja. Nessa ocasião, os fieis retiram as contas que levam ao pescoço, pois se considera que o momento sagrado propriamente dito cede, então, ao momento profano. Esta adjetivação é comum nos depoimentos colhidos.

Alguns desses membros de Terreiros entrevistados para a realização da pesquisa consideram a participação conjunta no Cortejo e na Lavagem um fator de união entre as diferentes casas de santo. “Tem pessoas que a gente não vê faz tempo. E aí, quando todo mundo se encontra na direção do Bonfim, parece que ficou junto o ano todo, porque todo mundo está junto naquele sentido mesmo de adorar a Oxalá e ao Senhor do Bonfim”.

Vamos, então, a outros aspectos do fluxo do Cortejo.

Na saída do Cortejo, depois do grupo das baianas vêm os Filhos de Gandhi, afoxé⁸⁰ fundado em 1949, a partir tanto de tradições de origem africana, como da inspiração orientalista que marca a história do Carnaval desse período.⁸¹ Traz uma orquestra poderosa puxando musicalmente o Cortejo, com o ritmo ijexá⁸². Os instrumentos usados são o atabaque, o xexerê e o agogô. Por estarem vestidos também de branco, como que continuam a cena das baianas. A coreografia delas se completa com a música deles, a mesma cor que remete ao Senhor do Bonfim e Oxalá, tudo isto conferindo ao Cortejo uma grandiosidade admirável.

⁸⁰ Segundo Antonio Risério, os Afoxés são organizações “afrocarnavalescas” compostas principalmente por jovens afros descendentes que se apresentam ao som de cantos que remetem a cultura negra, especialmente ao repertório iorubano. RISERIO, Antonio. Carnaval: As cores da mudança. In: Revista Afro-Asia, N° 16, 1995. p.91

⁸¹ O Afoxé Filhos de Gandhi, foi fundado por pessoas ligadas ao Candomblé e ao sindicato dos trabalhadores metalúrgicos. Batizaram o afoxé em homenagem ao líder indiano poucos meses depois da sua morte e num momento em que navios ingleses estavam ancorados no Porto de Salvador. Idem, p. 93

⁸² Ijexá é um tipo de ritmo tocado em homenagem ao orixá Oxum, característico por ter uma musicalidade ser bastante cadenciada. CACCIATORE, Olga. Dicionário de cultos afro-brasileiros. Rio de Janeiro: Forense Universitaria, 1988. p. 142



Filhos de Gandhi no Cortejo – Foto: Marcelo Reis, 2010.

Depois dos Filhos de Gandhi, na última década do século XX, passaram a vir os comandados de Carlinhos Brown, fundador do bloco Timbalada, que apresentava, em ocasiões como as Festas do Bonfim e de Iemanjá, a versão do bloco chamado Zárabe, criado pelo músico em 1995. Com instrumentos de origem oriental produzindo uma sonoridade fantástica e exótica, não chegava a descontinuar o clima desencadeado pelos dois grupos à frente. Antes, completava o Cortejo com um tom especial.

Até os anos 90, as baianas e os Filhos de Gandhi eram sucedidos por dezenas de carroças puxadas por cavalos, burros e jegues. Várias dessas carroças eram utilizadas, décadas atrás, para as mudanças e o transporte de carga. Em alguns pontos, aglomeravam-se à espera de fregueses, como o Mercado do Ouro. Com certa antecedência, as turmas de amigos, parentes, colegas e conhecidos podiam fretar uma carroça para o Cortejo do Bonfim, ficando a ornamentação a cargo do grupo ou do próprio carroceiro.

As carroças puxadas por animais, bem como as carrocerias dos caminhões, eram cercadas com palmas de dendezeiro e levavam tonéis com cerveja conservada em gelo com pó de serra. Na década de 90, os tonéis já perdiam para os recipientes de isopor, mais práticos para encher, mais leves e mais fáceis de encontrar. Os animais eram enfeitados com papel celofane colorido, peças de cetim, penachos e, às vezes, restos de fantasia reconfigurados. Na maioria das vezes, eram ornados de flores arrancadas dos jardins no próprio curso do Cortejo. Daí surgiu o costume de, quando alguém se vestia de modo extravagante ou mesmo espalhafatoso, dizer-se, em forma de pilhéria: “parece um jegue na Lavagem do Bonfim”.

De onde vinham tantos cavalos, mulas e jegues? Ora, a cidade de Salvador, na sua formidável descon-tinuidade urbana, abrigava centenas de sítios, chácaras e pequenas fazendas, não sendo difícil preparar, dias antes, aqueles animais a serem levados para a Lavagem. Onde hoje se erguem os bairros da Suburbana, de Valéria, de Brotas e da Chapada do Rio Vermelho, por exemplo, havia muitos sítios em que não era difícil contratar esses animais. Mesmo nos interstícios de bairros próximos ao centro da cidade, como Garcia, Engelho Velho e Tororó, encontravam-se boas montarias.

Escolhiam-se os animais de saúde comprovada, capazes de trotar quilômetros afora a caminho de algum ponto da rota do Cortejo, evitando-se aqueles conhecidos como agressivos e perigosos. Os arreios, as selas e ferraduras eram cuidadosamente verificados, assim

como o pêlo passava por um banho esmerado. Alguns cavaleiros iam apenas com sua montaria; outros, em duplas e trios; outros ainda combinavam entre si de modo a formar grupos maiores, passando a integrar garbosamente o Cortejo. Um costume que se guardava, até então, era “derrubar alguém do cavalo” durante o Cortejo, consistindo em puxar suas mãos até que perdesse o equilíbrio e tivesse que apelar. Grupos inteiros de familiares, vizinhos e colegas de trabalho acorriam ao local do Cortejo também para ver passarem os conhecidos montados.

Além de carroças, caminhões também passavam, conduzindo um número maior de pessoas, com meninos enfeites e a mesma alegria. Uma prática que ligava os participantes que iam de carroça e caminhão e aqueles que estavam no chão, seja andando, seja parados assistindo ao Cortejo, era procurar conhecidos para saudá-los.

Até os anos 60, os caminhões levavam também grupos de baianas que não participavam do Cortejo desde a Conceição. Eram veículos de porte modesto, em cuja carroceria seguiam as baianas com suas quartinhas enfeitadas. Esses caminhões eram fretados por grupos de amigos, parentes e vizinhos, ligados ou não a uma casa de candomblé. O mais famoso parece ter sido o grupo *Ê com esse que eu vou*, que saía da Lapinha, bairro vizinho à Liberdade, em direção ao Bonfim, lá chegando aproximadamente na mesma hora em que aí despontava o Cortejo que vinha da Igreja da Conceição.

Outro costume que ligava os participantes fixos e móveis era a chuva de papel picado que os funcionários dos bancos e demais empresas lançavam dos prédios, na rua Miguel Calmon, antigo centro comercial e financeiro da cidade, quando da passagem das baianas, dos Filhos de Gandhi, das carroças e dos caminhões.

Além das carroças e caminhões, havia também pelotões de bicicletas, enfeitadas com serpentinas ou restos de arranjos de Natal. À frente, junto aos espelhos, ostentavam uma palma que durante décadas esteve em moda como ornamentação de casas populares, chamada rabo-de-raposa. Uma atração aguardada a cada ano era a “bicicleta de sete selins”, construída pelo líder do bloco carnavalesco Mercadores de Bagdá, Nelson Maleiro.

3.2 O CORTEJO CHEGA AO BONFIM

A Lavagem das escadarias do Bonfim acontece antes que a grande maioria dos participantes do Cortejo tenha chegado ao Bonfim. Até os anos 1970, as autoridades civis,



Baianas com quartinhas no adro da igreja – Foto: Marcelo Reis, 2010)

sobretudo o Prefeito e o Governador, aguardavam ali a chegada delas.

Num revoltio de saias brancas, as baianas despejam água tratada para a festa, em inúmeras casas de candomblé, e as escadas são lavadas. Algumas dessas mulheres entram em transe, ao que acodem outras para que a quartinha não se quebre contra o chão. Não dura muito a Lavagem propriamente dita, qual seja, a varrição e lavagem das escadarias e do adro da Igreja do Bonfim.

Centenas de pessoas chegam para pagar suas promessas, algumas delas carregando ex-votos. Muitos fieis sobem a Colina do Bonfim de joelhos, alguns deles contando com uma proteção para não se ferirem, outros deles sem este cuidado. Décadas atrás, viam-se pessoas carregando pesos às costas, e a quem perguntava pela promessa, contava-se o drama vivido e superado.

O espetáculo se desfaz aos poucos. As baianas mais idosas procuram um lugar para descansar e se esconder do sol. Algumas delas se deixam fotografar, quase sempre gratuitamente. Turistas e nativos disputam a pose junto daquelas mais enfeitadas. Rapidamente, a Lavagem cumpre seu papel e o centro da Festa se distribui por todos os cantos.

Pelo caminho, foram ficando pessoas que não aguentaram perfazer todo o trajeto, ou que não podem se demorar até tarde da noite. Pequenos grupos foram

se nuclearizando na subida da Ladeira da Água Brusca, em alguma casa de amigos próxima ao Largo de Roma, em um bar do Dendezeiros. As carroças e caminhões vão-se recolhendo.

O Cortejo das baianas há muito chegou ao Bonfim. Os membros do afoxé Filhos de Gandhi estão pelas barracas, sendo que diversos já retornaram. Entretanto, ainda a Festa do Bonfim não se esgotou. Às 5 horas da tarde, pequenos e médios grupos, alguns com carro de som, outros apenas com um pandeiro ou marcando o ritmo com as palmas das mãos e efeitos vocais, ainda iniciam sua marcha rumo a Colina Sagrada. Muita gente, a maior parte usando pelo menos uma peça de roupa branca. Gente com roupa de trabalho, inclusive uniformes, após o expediente, contrastando com os shorts e camisetas. Para quem não teve tempo de trocar a roupa de trabalho pela roupa branca da Festa do Bonfim, o importante é ir, mesmo assim. E não se poderia afirmar que muitos desses retardatários estavam menos animados que os participantes que estavam no Bonfim desde a manhã.

Anos atrás, duas atrações polarizavam os frequentadores da Festa do Bonfim. Trata-se das barracas e dos parques.

Tão característico como visitar a casa de amigos, parentes e conhecidos durante a Festa do Bonfim era frequentar as barracas. Estas eram ricamente deco-



Cortejo da baianas chegando ao Bonfim– Foto: Marcelo Reis, 2010.

radas com cortinas de renda. Era considerado um ponto alto de cada barraca ter seus banquinhos limpos e arrumados, formando desenhos geométricos quando empilhados. As mesinhas eram recobertas por toalhas de renda branca. O recinto interior de cada barraca era protegido por mais um cortinado, seja de renda, seja de chita florida. Cada barraca tinha, ao fundo, um nicho com uma imagem de santo, algumas flores e uma lâmpada colorida, de acordo com a cor do patrono, o que normalmente correspondia ao orixá a ele associado. Se a homenageada

fosse Santa Bárbara, a vela seria vermelha, pois o vermelho é a cor de Iansã e Xangô. Se a devoção fosse a Santo Antônio, vela azul, de Ogum e Iemanjá. Se a vela era para São Jorge, verde, como a de Oxóssi. Para homenagear Jesus, vela branca, assim como a de Oxalá e assim por diante.

Algumas barracas eram menores, servindo apenas bebidas ou, no máximo, alguns tira-gostos ou confeitos. Entre estas, algumas barracas se especializavam em servir alguns tipos de batida. Outras, maiores, serviam também comidas.



Barraca na Festa do Bonfim – Foto: Pierre Verger, 1947.

São essas barracas que constam na etnografia de Ruth Landes, da qual selecionamos o trecho abaixo:

O nome de cada barraca estava pintado em letras e cores fantasistas num caixilho acima da porta de entrada – nomes de pessoas como os que se davam aos botes, aos burros, aos atabaques sagrados e aos campeões de capoeira. Eram nomes que me chamavam a atenção, absurdos, mas evocadores do esplendor, das lendas e das veladas alegrias de um mundo de sonho. Um deles era Flor do Amor; outro era Filho de Deus; um terceiro, Maravilhas da Arábia. Outros eram Novo Mundo, O Conquistador, Os Reis do Oriente, As Três Belas Meninas [...] A fragrância da comida em preparo se exalava no ar aquecido. Não vi ninguém se esforçando por vender, se bem que as barracas estivessem cheias de fregueses. Havia enorme consumo de tapioca e de laranjada “americana” que, tenho certeza, fora engarrafada nos Estados Unidos havia muito, pois o seu sabor estava horivelmente estragado por preservativos. Havia também aruá, que era a bebida da gente do culto, e água de coco, fresca, bebida no próprio coco⁸³.

Nos anos 90, as barracas passaram a ser padronizadas em termos de tamanho e decoração, limitan-

do a margem de singularidade de que dispunha cada barraqueiro para arrumar seu estabelecimento.

Outra atração eram os parques de diversões, de todo tamanho, seja na Conceição, seja no Bonfim. Em todas as festas de largo se encontravam desses parques. As crianças se deliciavam com a roda gigante com gaiola, enquanto os jovens já dispensavam as gaiolas. As gangorras de barquinhos também eram muito apreciadas.

Atrações especiais eram tendas em que o público assistia a breves espetáculos como “a mulher que vira macaco” e “a passagem pelo vale da morte”. Em uma dessas tendas, esteve por cerca de vinte anos o famoso “candomblé elétrico”. Tratava-se de um caixa sobre um balcão quadrado, de pouco menos de dois metros. No seu interior, pequenos bonecos eletrizados dramatizavam as coreografias dos orixás. Dez pessoas podiam assistir ao espetáculo simultaneamente, através de buracos. Quando o artesão ligava o som, os bonecos começavam a se movimentar, cabendo-lhe explicar a identidade dos orixás a partir da sua dança.

⁸³ Op. Cit., p. 106.



Barraca na Festa do Bonfim – Foto: Pierre Verger, 1947.

Após estas notas sobre o Cortejo e a Lavagem, faz-se necessário observar que, se todo aquele pessoal ia ao Bonfim e se o Bonfim certamente não cabe todo aquele pessoal, é porque a Festa do Bonfim está para além do que acontece entre a Colina Sagrada, a Ladeira da Lenha, a rua do Céu e a confluência da rua Nova da Imperatriz com a Avenida Dendzeiros. Ou seja, a Festa do Bonfim abrange muito mais que o bairro em que se dá a Lavagem. Sua compreensão demanda a consideração de todas as práticas que caracterizam o caminho da Conceição da Praia até a Sagrada Colina.



Festa do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.

a. A COMPOSIÇÃO

Quem participa da Festa do Bonfim?

Podemos observar a diversidade da festa prestando atenção, inclusive, às diferentes categorias de profissionais que aí se fazem presentes e que correspondem, aproximadamente, às nossas categorias de entrevistados.

- Vendedores de comida, água, refrigerantes e bebidas alcoólicas; de chapéus de palha, viseiras e bonés; de fitinhas e camisas brancas estampadas com motivos da festa; de protetor solar, além de outros artigos.
- Policiais, homens e mulheres, que interagem com a coordenação do trânsito.
- Profissionais da saúde – médicos, enfermeiros e auxiliares, nos postos em alguns locais do percurso e do Bonfim.
- Jornalistas, tanto da imprensa local como enviados de outros centros.
- Baianas, sejam aquelas que participam do Cortejo, sejam aquelas outras que estão ali apenas para a Lavagem da escadaria da Basílica, sejam ainda aquelas que vendem comida.
- Além desses profissionais, um grande número de turistas. Pode-se perceber o sacrifício de alguns desses turistas acostumados ao clima frio, ao ter que caminhar cerca de 8 quilômetros sob sol escaldante.
- Nas imediações da Igreja do Bonfim, um número expressivo de sacerdotes e sacerdotisas da tradição dos orixás, que além de participar da Festa, também oferecem serviços religiosos, como banhos de pipoca, sacudimentos e bênçãos.
- Sacerdotes católicos e membros da Irmandade do Bonfim, além de fiéis da liturgia católica que, em diversos casos, participam do novenário completo.
- Os militantes políticos, com suas faixas e charangas, também participam da Festa. Nos anos eleitorais, sua presença é mais numerosa e vibrante. Junto a estas categorias especiais, temos uma mul-



Cortejo chegando ao Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.

tidão de milhares de pessoas, moradoras de Salvador e de cidades próximas. Nossas entrevistas encontraram moradores do próprio bairro que não participam da festa. Na mesma família, acontece um irmão participar e outro, não. A participação, por sua vez, é muito variada. Desde um “rolé” – passeio rápido pelos arredores – até a imersão completa no clima da Festa, podem-se distinguir diversas formas de envolvimento. Há quem não sai de casa porque aguarda os visitantes – amigos, parentes, colegas, compadres –, assim como há quem sai de casa justamente para não precisar receber uma quantidade de visitantes considerada excessiva.

b. A INDUMENTÁRIA

O que se veste na Festa do Bonfim?

Sejam as baianas e os Filhos de Gandhi, à frente do Cortejo, sejam os participantes que trajam camisas de malha com a marca do grupo ao qual fazem parte, sejam homens e mulheres comuns, a cor branca chama a atenção. O costume de vestir branco na Festa do Bonfim parece vir dos anos 50, pois os relatos até os anos 40 destacam justamente a profusão de cores na indumentária das baianas. Estas costumam se esmerar no figurino e nos adereços, esbanjando anéis, colares, brincos e toda espécie de enfeite, cada uma delas convicta de aportar

uma contribuição relevante para dotar a Festa de brilho, alegria e elegância.



Festa do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.

No contexto das festas de largo do verão, em Salvador, o branco é associado à limpeza, à paz, à comunhão consigo mesmo e com os outros, à felicidade, à leveza. Na tradição dos orixás, é a cor ritual por excelência, a única cor que serve para todas as ocasiões. No caso da Festa do Bonfim, o branco é especialmente bem-vindo, pois trata-se da cor associada a Oxalá, o orixá identificado com o Senhor do Bonfim por boa parte da população soteropolitana. Este, por sua vez, é representado apenas com um simples pano branco. Essa informação acerca da roupa branca já é de domínio público ampliado, pois, no dia da Lavagem, os turistas costumam se dirigir à Colina do Bonfim vestidos de branco, mesmo aqueles que não conhecem moradores de Salvador. Isto



Baiana na Festa do Bonfim— Foto: Marcelo Reis, 2010.

se deve, provavelmente, à recorrência das imagens da Festa, oportunizadas pela mídia, a cada ano.

- O branco é matizado de diversas formas, principalmente pelas mulheres. Brincos, pulseiras, colares e outros adereços podem realçar o branco das peças de roupa. Outro elemento que completa o branco, são o boné e o chapéu de palha. Não é mal visto usar outra cor, a não ser o preto; ora, não é de bom tom ir à Festa de roupa preta, afinal não seria uma boa forma de homenagear Oxalá, que não admite o preto. Essa atitude causaria estranheza aos circunstantes e anfitriões, principalmente, ao entrar numa casa para comer e beber estando de roupa escura, pois, provavelmente, a recepção não seria totalmente calorosa.

No caso da Festa do Bonfim, o traje especialmente branco era um costume tão arraigado, até os anos 70, que as famílias que dispunham de algum recurso, mesmo aquelas de pequena classe média, ao fazerem as compras de final de ano, adquiriam, sobretudo para as crianças, a roupa nova do Natal juntamente com a roupa nova do Bonfim. A primeira poderia ser colorida; a segunda, de preferência, era branca ou de cor clara.

Décadas atrás, usavam-se também fantasias individuais, como “oficial da marinha”, “odalisca”, “vaqueiro” e “cowboy”. Entretanto, não se viam as fantasias emblemáticas do Carnaval, como o pierrot e a colombina.

c. A CULINÁRIA

O que se come na Festa do Bonfim?

Ora, não existem comidas especificamente associadas à festividade. Consome-se todo tipo de alimento que se vê à rua por ocasião do Carnaval e nas outras festas do verão:

- Iguarias suculentas e muito calóricas, seja à base de vísceras e músculos, como sarapatel, xinxim e mocotó, seja em combinação com algumas espécies de feijão, como a dobradinha e a feijoada, esta quase sempre com o feijão mulatinho ou cariocinha. Mesmo a maniçoba, comida comum em algumas cidades do Recôncavo, sobretudo Cachoeira e Santo Amaro, mas não encontrada comumente em Salvador, pode ser consumida em uma ou outra barraca da Festa do Bonfim. Alguns barraqueiros trazem os ingredientes da maniçoba de Cachoeira,

Santo Amaro ou Maragogipe, para prepará-la na própria barraca.

- As moquecas também são encontradas, embora algumas pessoas não as prefiram, considerando que o azeite de dendê, sendo interdito aos filhos de Oxalá, deve ser evitado na quinta-feira da Lavagem. Contudo, não chega a ser mal vista a presença de comidas preparadas à base de dendê.
- Acarajé, abará, passarinha e cocada são vendidas pelas baianas. A partir dos anos 80, difundiu-se o costume de acrescentar o caruru ao vatapá, como complemento do acarajé e do abará. Um pequeno número de vendedores são homens, vestidos ou não de forma correspondente ao ofício.
- Churrasquinhos, churros, algodão doce, maçã do amor, pipoca (doce e salgada) e rolete de cana.
- Milho cozido e assado e seus derivados, como pamonha e lelê.
- Cachorro quente com inúmeros molhos e recheios, como salsicha, carne passada, vegetais enlatados e temperos industriais, como mostarda, maionese e molhos de tomate.



Vendedor de mingau – Foto: Marcelo Reis, 2010.

No que diz respeito à culinária, um costume característico da Lavagem do Bonfim é a reunião de grupos em casas de parentes e conhecidos, desde o início da manhã, e principalmente à tarde, para a feijoada. Isto reforça diversos graus de familiaridade, considerando que não somente parentes consangüíneos, como amigos, compadres, vizinhos e conhecidos ali se dão a conhecer, aproveitando a hospitalidade daqueles que abrem suas casas. Cadeiras, mesas e tamboretas são colocados sobre as calçadas, relativizando a distinção entre a casa e a rua. Nos últimos anos, diversas famílias passaram a vender a comida, franqueando-a gratuitamente apenas para os mais íntimos. A insegurança contribuiu para fazer arrefecer este costume, tornando-se um pouco temerário deixar a casa aberta.



Baiana na Festa do Bonfim – Foto: Pierre Verger, 1947

O que se bebe na Festa do Bonfim?

- Água filtrada em saquinhos, água de coco, água mineral.
- Refrigerantes.
- Cerveja.
- Bebidas quentes. Normalmente, seu consumo se verifica a partir do anoitecer, sendo que o rum e a vodka costumam ser consumidos com coca-cola.

Até os anos 1970, era costume consumir as frutas da época na Festa do Bonfim. Isto consta, inclusive, na

obra de fotógrafos famosos como Pierre Verger. Laranja, tangerina, serigüela, umbu, pinha, caju, manga e, principalmente, melancia e abacaxi. As frutas eram desejadas pelo seu poder de hidratação e também pelo poder de atenuar os efeitos do álcool.

Tanto no Cais da Companhia de Navegação Baiana, contínuo ao famoso Cais do Mercado Modelo – mais conhecido como Cais da Baiana, como na Feira de São Joaquim, na Avenida Beira Mar e na Ribeira, chegavam saveiros cheios de frutas e iguarias como beiju de tapioca, trazendo também participantes da Lavagem. Com o refluxo dessa forma de transporte e comércio entre Salvador, as ilhas e o Recôncavo, esse costume se arrefeceu.

Entre as bebidas, as batidas de fruta já foram mais consumidas. Nos anos 1980 e 1990, esteve na moda o ligante, um tipo de batida que podia usar como base outras bebidas destiladas além da aguardente. Essas modalidades estão em refluxo.



Sambistas no Cortejo da Festa do Bonfim – Foto: Pierre Verger, 1959.



Vendedores – Foto: Marcelo Reis, 2010.

d. A MÚSICA

O tipo de música mais praticado na Festa do Bonfim sempre foi o samba. Tanto se fazia o samba de roda em círculos animados que aguardavam a saída do Cortejo ao pé da Basílica da Conceição, como ao longo do Cortejo. Também em cima das carroças e caminhões faziam-se rodas de samba.

Outro elemento que vem caracterizando a musicalidade da Lavagem do Bonfim nas últimas décadas são os grupos de capoeira, desde a saída do Cortejo, na Igreja da Conceição, abrindo rodas em alguns pontos do Cortejo. Independentemente de integrar ou não as academias de capoeira, esses grupos levam berimbaus, atabaques e agogôs, surdos, pandeiros e repeniques. Quando se abre a roda de samba, muitos passantes se aproximam e dançam também. São momentos de muita alegria e efusão.



Roda de Capoeira na Festa do Bonfim – Foto: Horst Wolf, 2009.



Roda de Samba na Festa do Bonfim – Foto: Pierre Verger, 1947

Nas décadas anteriores, alguns grupos de cavaleiros levavam violeiros que entoavam o samba de viola tradicional em muitas localidades próximas à capital.

Pequenos blocos de carnaval e times de futebol também se faziam presentes na Lavagem do Bonfim. De diversos bairros, grupos de amigos, parentes, vizinhos e conhecidos se juntavam em torno de um estandarte, engrossando a corrente do Cortejo.

A Banda de Música do Corpo de Bombeiros era presença obrigatória até os anos 70. Quando o Corpo de Bombeiros foi absorvido pela Polícia Militar, a banda passou a ser a da Polícia Militar, a quem cabia executar o Hino do Senhor do Bonfim. Nos outros dias de festividades, ocorriam concertos no coreto da Praça em frente à Igreja.

Atualmente, pode-se distinguir nitidamente duas tendências no que diz respeito ao repertório praticado na Festa do Bonfim.

Hoje, entre as barracas, predominam o reggae, o pagode e o arrocha.⁸⁴ Estes são os ritmos mais apreciados pela maioria da população de Salvador e do Recôncavo e, nesse sentido, os festejos do Bonfim são contínuos às outras muitas festas que se realizam aí no verão. Entretanto, durante o Cortejo propriamente dito, ou seja, entre os participantes da Lavagem que se deslocam rumo ao Bonfim, impera o samba. Durante a observação participante, realizada na quinta-feira da Lavagem nos anos de 2009 e 2010, a equipe de pesquisa pôde constatar que quase todos os grupos que se deslocavam tocavam sam-

ba. Batucadas de todos os tipos, alguns com certa influência da batida do Grupo Cultural Olodum, outros com uma pegada mais antiga, todos sambavam.

Um carro do Ilê Aiyê puxava uma multidão com os hinos do bloco, sem a cadência marcial que o caracteriza nos momentos solenes como o Carnaval. Eram os hinos do Ilê e do Olodum, tocados como se faz na praia, na garagem, na varanda, no quintal.

Em um desses grupos, um rapaz tocava um pandeiro como se contivesse nas mãos toda uma bateria. Eram cenas assim que Verger sabia captar com sua Roleyflex. Os grupos reúnem de três a doze componentes, sendo mais comum a composição de cinco a sete instrumentistas. Timbau, tamborim, bongô, reco-reco, agogô e cavaquinho são os instrumentos mais encontrados. O violão é menos frequente.

O samba é a música da Lavagem do Bonfim. O próprio caráter de percurso da festa, a sua extensão móvel, o seu destino de serpente impedem que se imponha a força dos aparelhos sonoros das barracas. A música que se ouve aí não é própria para um cortejo, ainda que não seja imprópria para uma festa de largo.

⁸⁴ O arrocha é um estilo musical que surgiu no Recôncavo Baiano há 15 anos. Pode ser lido como uma interface entre bolero e lambada. In: MOURA, Milton. *A ilha, o Carnaval e o Brasil. Breve estudo sobre o Carnaval de Gameleira no contexto dos Carnavais brasileiros*. Revista O Olho da História. n. 14, Salvador (BA), junho de 2010.

Uma das canções mais ouvidas na Lavagem do Bonfim é *Ilha de Maré*, de Walmir Lima e Lupa, que fez sucesso na voz da intérprete Alcione desde os anos 70. Pode ser ouvida na interpretação de dezenas de pequenos grupos de participantes da romaria, desde o início da manhã, seja na Conceição, seja nos diversos pontos do Cortejo, até a tarde, no próprio Bonfim.

Outro grande símbolo musical da Festa do Bonfim é o Hino ao Senhor do Bonfim. Existem duas versões do hino. A versão oficial, composta por Pethion de Vilar e musicada pelo maestro Remígio, e a versão que se popularizou, composta Arthur de Salles e João Antônio Wanderley, em 1923, na ocasião das comemorações do Centenário da Independência da Bahia.

O Hino popular foi composto a pedido da Comissão Oficial do Centenário - grupo formado por intelectuais e autoridades que tinham a finalidade de organizar os festejos da Independência em Salvador. A letra do hino exalta a bravura do povo baiano e rende glórias ao Senhor do Bonfim, "Redentor que há cem anos nossos pais conduziste à vitória, pelos mares e campos baianos".⁸⁵

Essa versão ganhou notoriedade nacional a partir da sua gravação por Caetano Velloso, no disco *Tropicália ou Panis Et Circensis*, de 1968.⁸⁶

Atualmente, o hino é tocado na chegada do Cortejo à Colina Sagrada, emocionando todos os participantes.



Banda de música no Cortejo – Foto: Marcelo Reis, 2010.

3.3 BONFIM COMO TEMA DE MANIFESTAÇÕES CULTURAIS E ARTÍSTICAS

Diversas manifestações artísticas e culturais contribuíram para que a Festa do Bonfim fosse reconhecida nacional e internacionalmente.

Os fotógrafos Pierre Verger e Voltaire Fraga se destacam com um acervo de cenas da Festa do Bonfim. Algumas das fotografias se tornaram registros paradigmáticos da sociabilidade experimentada na Festa do Bonfim em meados do século XX.⁸⁷

No campo das artes plásticas, o argentino Hector Julio Bernabó, conhecido como Carybé, se destaca com ilustrações de rara captura de movimentos sobre a Festa. Segundo diversos contemporâneos desses artistas, coube ao romancista Jorge Amado a tarefa de reuni-los e cultivar, conjuntamente, o projeto de registrar esteticamente tradições como a Festa do Bonfim. Com efeito, a recente publicação *Carybé e Verger – gente da Bahia*⁸⁸ apresenta desenhos do primeiro baseados em fotografias do segundo.

No âmbito da música, não podemos esquecer Dorival Caymmi que se destacou por diversas referências ao Bonfim. Em especial, nas suas canções *O que é que a baiana tem?*(1939), *Você já foi à Bahia?*(1941), *365 igrejas* (1946), e *Lá vem a baiana*(1947), existem várias referências ao Bonfim, além da valorização da religiosidade e alegria dos baianos e da beleza das baianas. Outros tantos compositores e intérpretes contribuíram para construir a legenda do nome da Bahia e da Festa do Bonfim no cancionário radiofônico, a partir da década de 30.

⁸⁵ Revista da Bahia, v. 32, nº 35, julho de 2002, EGBA, Salvador (ISSN 0103-2089).

⁸⁶ Idem.

⁸⁷ VERGER, Pierre. *Retratos da Bahia: 1946 a 1952*. 3 ed. Salvador: Corrupio, 2002.

⁸⁸ GUERRA, Enéas (org.) *Carybé & Verger - Gente da Bahia*. Salvador: Fundação Pierre Verger e São Paulo: Solisluna Design e Editora, 2008.



Festa do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010

3.4 AS MUDANÇAS DA FESTA

Salvador não é mais uma cidade de 600 mil habitantes, como nos anos 1960. Cresceu e diversificou-se. As festas – religiosas, cívicas ou carnavalescas – acompanham as transformações da sociedade na qual se realizam. Dessa forma, a própria Festa do Bonfim adquiriu novos contornos ao longo do tempo e os seus sentidos e representações, para os seus participantes, também foram se modificando.

Do final dos anos 1970 até 1997, um número variável de trios elétricos – podendo passar de dez e chegar a trinta, de diversos tamanhos e correspondendo a diversos tipos de repertório – participavam da festa. O primeiro trio começava a se deslocar próximo da Conceição, depois que as baianas já tivessem se distanciado do início do Cortejo, nas imediações da Feira de São Joaquim. Cabe observar que nem todos esses trios ultrapassavam o Largo de Roma e que, em boa parte dos casos, só no final da tarde, deixavam o ponto de origem, deslocando-se até o Mercado do Ouro.

Em 1998, os trios elétricos foram retirados do Cortejo da Festa do Bonfim com a alegação, pela polícia, de seu poder de desencadear brigas e dificultar a manutenção da ordem. Não há informação de que tenham estorvado o Cortejo das baianas, das carroças e dos caminhões. Quando se tecem críticas à sua participação, é no sentido de que sua presença comprometia o clima religioso considerado próprio da Festa do Bonfim, transformando-a numa prévia do Carnaval e, o que parece indesejável a quase todos os entrevistados, estimulando e multiplicando cenas de violência⁸⁹.

Com a proibição da presença dos trios elétricos no Cortejo, foi criado o Bonfim Light, uma festa privada, que acontece paralelamente aos festejos públicos da quinta-feira, promovida por empresas ligadas a promoção do Carnaval de Salvador. O Bonfim Light ocorre na Bahia Marina, próximo a Igreja de N. Senhora da Conceição da Praia, e tem por proposta reinventar o lado carnavalesco e profano das comemorações, introduzindo uma programação de shows de artistas do Axé Music - Babado Novo, Margareth Menezes, Asa de Águia, Araketu, Timbalada dentre outros grupos musicais dentre sucesso na atualidade.

⁸⁹ Esta informação da proibição dos trios elétricos na Lavagem do Bonfim consta nos depoimentos de praticamente todos os policiais que guardam lembranças desse período e está registrada nos periódicos locais.



Lavagem do adro da Igreja do Bonfim – Foto: Pierre Verger, 1947.



Lavagem do adro da Igreja do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.

Seguindo essa mesma linha, a partir de 2008, Carlinhos Brown começou a promover, depois da Lavagem do Bonfim, uma festa privada realizada nos moldes do *Bonfim Light*, a *Enxaguada do Bonfim*, no espaço chamado Museu do Ritmo, no bairro do Comércio.

Um dos grandes transtornos causados pelos trios elétricos na Festa era o volume extremamente alto do som. Contudo a poluição sonora ainda ocorre. Mesmo depois de proibidos os trios, percebemos que, nos anos 2009 e 2010, outros veículos continuaram a participar do cortejo com volumes de som elevadíssimos. Eram peruas e vans que faziam publicidade de sindicatos, associações, grupos de militância como ambientalistas, blocos de Carnaval, etc., que preenchiam o espaço sonoro tanto quanto os grandes trios elétricos. As próprias barracas, em alguns lugares, usam o som muito alto, chegando a inviabilizar a audição dos Ternos de Reis a 200 metros de distância.

Outra grande polêmica que surgiu nos últimos anos diz respeito a tradicional participação dos jegues no Cortejo. Desde o século XIX, os equinos acompanhavam os aguadeiros que recolhiam água nas diversas fontes da Cidade Baixa e transportavam os tonéis cheios para lavar a Igreja. Logo surgiram as carroças enfeitadas para levar os devotos até a Colina do Bonfim. Às vésperas da Lavagem de 2010, membros de organizações não governamentais e sociedades protetoras dos animais, intentaram proibir a participação de

equinos na Lavagem. Alegaram, por meio de petição ao poder judiciário e ampla divulgação na imprensa, que o percurso era muito longo e extenuante para os animais, submetidos ao calor intenso, desidratação, má alimentação e estresse em função do barulho e da quantidade de pessoas nas ruas. A intervenção do IPHAN na defesa da permanência desse aspecto importante do Cortejo assegurou a participação dos jegues em 2010, através da conquista de uma liminar judicial. Em 2011, entretanto, houve a proibição definitiva dos jegues, atendendo a uma ação civil ajuizada pela subcomissão de proteção aos animais da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), seção Bahia, e pelas ONGs Terra Verde Viva e Célula-Mãe.



Aguadeiro na Festa do Bonfim – Foto: Pierre Verger, 1947.



Carroças no Cortejo do Bonfim – Foto: Voltaire Fraga, 1950.

Além dessas questões, temos que levar em consideração as recentes ações dos Irmãos da Devoção e das autoridades eclesiásticas que também visam inovar e recriar a Festa do Bonfim. Há uma busca, por parte desses setores religiosos, por aumentar a participação de fieis nos atos litúrgicos – novena, missa e procissão – e possibilitar o maior contato dos baianos, que vão à Colina Sagrada, com o Jesus Crucificado.

Duas inovações, a partir de 2009, contribuíram para uma maior aproximação entre os fieis e o Senhor do Bonfim. A primeira foi a realização da Procissão dos Três Pedidos no domingo de encerramento das homenagens. A segunda inovação é ainda mais significativa: aconteceu na quinta-feira, dia da Lavagem, considerada por autoridades civis e religiosas e imprensa local, durante um século, como momento profano. Os baianos, proibidos de terem acesso ao interior da igreja desde 1890, tiveram a oportunidade de contemplar a imagem do Senhor do Bonfim, apresentada na janela do templo, com a bênção do Pe. Edson Menezes da Silva. Em entrevista ao *Jornal Correio*, o Padre Edson justificou sua iniciativa afirmando que era necessária uma mudança de postura da Igreja Católica frente às demandas dos fieis:

Então, vendo o ato da Lavagem acontecer a cada ano e as portas da igreja sempre fechadas, sem nenhuma manifestação nossa, eu, ao assumir a Basílica na condição de reitor, comecei a idealizar algumas ações. Quer dizer, não posso admitir que na lavagem só tem confusão e me fechar diante daquela realidade. Tenho que pensar, como disse João Paulo II, novas estratégias que possam penetrar naquele mundo e ali desenvolver uma ação evangelizadora.⁹⁰

Para muitos fieis e estudiosos, o ato significou respeito e reconhecimento de que há nas festas do catolicismo baiano uma imbricação entre os cultos de entidades diferentes – nesse caso, Cristo e Oxalá – presentes em duas religiões – Cristianismo e Candomblé. Ressaltamos que as práticas sincréticas jamais se constituíram em um problema para os fieis, e sim para parte do clero e alguns pais e mães de santo de Salvador. Quando alguém se dirige ao Bonfim, não vai necessariamente em busca da consolação distinta de uma ou outra entidade religiosa. Vai em busca da consolação divina, do prazer de conviver de perto com a divindade e a humanidade aí tão proximamente colocadas. Assim, acreditamos que levar a bênção do Senhor do Bonfim aos participantes da Lavagem contribui para o fortalecimento da Festa.



Benção no dia da Lavagem – Foto: Marcelo Reis, 2010.

3.5 A APROPRIAÇÃO POLÍTICA DA FESTA

Por conta da visibilidade da Festa do Bonfim, tanto na esfera local quanto nacional, é inegável que o desenrolar da Festa, principalmente durante o Cortejo, tenha se tornado palco de apropriações e disputas por parte dos diversos grupos políticos.

⁹⁰ Entrevista concedida ao *Jornal Correio*, 25/01/2009, p. 18

Cabe ressaltar que, historicamente, como aponta Mary Del Priore, a promoção de festas cívicas e religiosas sempre foi um instrumento útil de afirmação política. Ao se reportar ao período da colonização portuguesa, a autora destaca a utilização das festas pela Coroa Portuguesa como forma de transmissão de códigos e normas sociais. As autoridades civis, notadamente as Câmaras Municipais, patrocinavam determinadas estruturas para a montagem das festas – principalmente instalavam a iluminação apropriada – procurando estabelecer a relação que Del Priore denominou de “Festa Concessão”, a saber, a população deveria internalizar que a festa só ocorreu devido à uma concessão e chancela do poder público civil e/ou religioso.⁹¹

No caso da Festa do Bonfim, a referência mais expressiva de uso político do espaço festivo está relacionada à participação de Antônio Carlos Magalhães (ACM), político baiano que teve bastante influência nos cenários político nacional entre os anos de 1970 e 2000.⁹²

A partir do fim década de 70, Antônio Carlos Magalhães, e outros gestores ligados ao seu grupo político, implementaram políticas públicas de valorização da indústria do turismo na Bahia. A representação da Bahia passou a estar relacionada ao campo do lúdico, das festas e da música. Houve, a partir de então, uma acentuada publicidade em torno da presença da cultura afrodescendente em Salvador e no Recôncavo, destacando-se os elementos da religiosidade dos baianos. Tal publicidade foi atenuada pelas imagens vinculadas pelas redes de comunicação, especialmente a televisiva, que eram controladas por ACM.⁹³

Nesse contexto histórico-cultural das últimas décadas do século XX, a Festa do Bonfim adquiriu novas feições. A televisão, a partir da consolidação da transmissão a cores, mostrará ao vivo a Festa do Bonfim, especialmente o cortejo das baianas acompanhadas pelos políticos mais proeminentes, destacando-se ACM. Essas imagens, vinculadas internacionalmente, deram suporte à propaganda da Indústria do Turismo e Entretenimento, e antes de tudo, proporcionaram visibilidade política à ACM e seus correligionários.⁹⁴

Na atualidade, seguindo a herança de ACM, todos os anos os políticos mais influentes da Bahia participam do Cortejo e da Lavagem. Em anos eleitorais, essa presença é ainda mais maciça, como descrevem os periódicos locais. Além dos partidos políticos, outros grupos que também desejam expressar suas demandas, como, por exemplo, associações e ONGs, também participam também da festa, tendo em foco o apelo popular e a visibilidade que ela proporciona.



Propaganda política no Cortejo – Foto: Marcelo Reis, 2010

3.6 A GESTÃO DA FESTA HOJE

O Reitor da Basílica e a Irmandade Devoção do Nosso Senhor do Bonfim são responsáveis por organizar com muita pompa todos os cerimoniais católicos: novenas, missas e procissão. Segundo o tesoureiro da Devoção Geraldo Urpia, o Governo do Estado da Bahia contribui, anualmente, com uma quantia que auxilia o pagamento das despesas relativas à preparação das celebrações da Festa do Bonfim, tais como contratação da orquestra, encomenda de flores e convite dos pregadores.

No passado, a Devoção possuía um papel mais decisivo na organização das homenagens ao Bonfim, sendo responsável, por exemplo, por indicar e convidar os pregadores das missas do novenário. Esse papel preponderante na organização foi diminuindo ao longo dos anos. Na atualidade, é o Reitor da Basílica do Bonfim, o padre titular, que vem acumulando um maior número de atribuições relativas à organização da Festa. Entretanto, a Devoção, mesmo não possuindo os mesmos recursos econômicos de antigamente, mantém uma incumbência muito importante, pois continua, até hoje, apoiando a participação dos Ternos de Reis

⁹¹ Del Priore, Mary. Op.cit.

⁹² Antônio Carlos Magalhães, conhecido como ACM, foi Prefeito de Salvador, Deputado Estadual e Federal, exerceu três mandatos como Governador da Bahia, além de exercer o cargo de Senador da República e de Ministro das Comunicações.

⁹³ RUBIM, Antonio Albino Canelas. ACM: Poder, Mídia e Política.

⁹⁴ LIMA, Zelia Jesus de. **O papel das Baianas (Entidades do Candomblé) no Cortejo da Festa do Bonfim associado à publicidade.** In: Anais do Encontro Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades e Deslocamentos. 23 a 26 de agosto de 2010.

na Festa, contribuindo a cada ano com recursos para financiar o transporte dos grupos, que se apresentam no sábado à noite, último dia da novena.

No dia do Cortejo e da Lavagem, gerir um evento da magnitude da Festa do Bonfim não é uma tarefa fácil, já que um grande contingente de pessoas se desloca para a Festa, mobilizando vários bairros da capital baiana. A organização da Festa cabe à Prefeitura de Salvador juntamente com o órgão responsável pelo turismo, a Empresa Salvador Turismo (Saltur).

A Prefeitura se responsabiliza pela montagem dos postos de saúde e banheiros químicos no percurso do Cortejo e no Bonfim, no dia da Lavagem. É também sua função instalar um palco em frente à Basílica do Bonfim para a apresentação dos Ternos de Reis, no sábado da última novena. A montagem da estrutura das barracas, também fica a cargo da Prefeitura que realiza um cadastro prévio dos comerciantes que desejam participar da Festa.

As entidades que desejarem participar do Cortejo também devem se inscrever com antecedência na Saltur. As que utilizam carros devem requerer dentro do prazo estipulado a obtenção de credenciais para o acesso dos veículos. É vetada a utilização de qualquer tipo de corda durante o Cortejo. A TransSalvador (Superintendência de Transporte e Trânsito de Salvador) or-

ganiza os acessos à Colina Sagrada, modificando todo tráfego de veículos nas imediações da Festa.

A Polícia Militar do Estado da Bahia é responsável pela segurança dos festejos. São enviados reforços proporcionais aos enviados ao Carnaval de Salvador. Todo o circuito da Festa é monitorado por câmeras e algumas Delegacias Especiais de Área (Deas) são instaladas nas imediações da festa pela Polícia Civil, com o intuito de reforçar o policiamento efetivo e oferecer mais segurança aos cidadãos.

3.7 A FESTA DO BONFIM EM OUTROS LUGARES DO BRASIL E DO MUNDO

Além de Salvador, a devoção ao Senhor do Bonfim está presente em diversas outras cidades da Bahia, como Mata de São João, Macaúbas, Feira de Santana, Muritiba, Chorrochó, Nilo Peçanha, Senhor do Bonfim, Xique-Xique, Piatã, Jequiriçá, Barra do Choça, Jussari, Rio do Pires e Canavieiras⁹⁵. Em Piritiba, o Senhor do Bonfim é o padroeiro. No Nordeste brasileiro, há celebrações para o Jesus Crucificado não só na Bahia mas

⁹⁵ Jornal **Monitor do Sul**. (Canavieiras-Ba). 24 de janeiro de 1904.



Festa do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.

também nos estados de Sergipe (nas cidades de Salgado e Laranjeiras), Pernambuco (Olinda), Alagoas (Marechal Deodoro), Paraíba (Serra da Raiz) e Ceará (Fortaleza e Crateús).

Também encontramos a devoção ao Senhor do Bonfim em outras regiões. No Sudeste, há igrejas e festas nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Em Minas Gerais, concentra-se o maior número de cidades com igrejas dedicadas ao Crucificado. A devoção teve início no século XVIII nas seguintes cidades: Bocaiúva, Catas Altas, São João del Rey, Ouro Preto, Diamantina, Aracitaba e Bonfinópolis. No Rio de Janeiro o culto está presente na capital, Rio de Janeiro, em Magé e Angra dos Reis. Já no Estado de São Paulo, cultua-se Jesus na Cruz nas cidades de Sorocaba e Aparecida. No centro-oeste há festejos nos estados de Mato Grosso do Sul, especialmente na capital Campo Grande, e Goiás, onde o culto levou à construção de igrejas em Pirinópolis, Grajaú e Silvânia. Na região Norte, há festividade em honra do Senhor do Bonfim em Conceição do Araguaia, no Pará.⁹⁶

Por fim é preciso ressaltar uma comemoração também chamada Festa do Bonfim, que acontece em alguns pontos da África Ocidental como desdobramento da retromigração de africanos e baianos, sejam traficantes, sejam ex-escravos, com o fim do cativeiro.

Os *retornados* – ou *agudás* – praticam a Festa do Senhor do Bonfim no Benin e na Nigéria, bem como em outros portos da África que se desenvolveram em função do tráfico. A Festa do Bonfim e outras, como a do *burian* (nome adaptado de burrinha), semelhante ao bumba-meu-boi, são manifestações culturais que identificam os *agudás* no contexto mais amplo das sociedades em que se encontram inseridos.

No atual Benin, a Festa do Bonfim é realizada até os nossos dias nas cidades de Porto Novo, a capital, e Uidá, o maior porto de escravos daquela área nos séculos XVIII e XIX. Na primeira, a organização fica a cargo do conjunto dos *brasileiros*; na segunda, a cargo da família de Souza, cujo patriarca fundador é Francisco Félix de Souza, nascido na Bahia em 1754 e morto no Daomé em 1849, provavelmente o mais próspero traficante de escravos da história do Atlântico, que ocupou cargos de destaque na corte de Abomey e reuniu imensa fortuna.

Segundo Christine Henry, em Porto Novo, a Festa do Senhor do Bonfim é celebrada no terceiro domingo após a Epifania. Na véspera, há o cortejo das famílias brasileiras que seguem uma banda executando samba, com a participação de muitos *agudás*. O cortejo faz pequenas paradas diante das casas dos brasileiros mais notáveis da

cidade, que então ofertam bebidas aos participantes. No domingo pela manhã, celebra-se na catedral uma missa da qual participam muitos brasileiros que portam a bandeira da antiga Irmandade do Senhor do Bonfim, confeccionada em veludo recoberto de ouro, entronizado ao lado do altar. Segue-se uma grande recepção em praça pública, em que são servidas comidas reconhecidas como *agudá* – o *cucido*, a *fejoade* e o *rizgras* (espécie de caldo muito condimentado e calórico), além da galinha, como se costuma fazer nas festas do litoral do Benin.

Segundo o antropólogo Milton Duran, o costume de celebrar o Bonfim no outro lado do Atlântico significava, a um só tempo, rememorar as vivências culturais do Brasil e celebrar o retorno para a África, já que os *agudas* “interpretavam a palavra *Bonfim* como um bom final de vida na África”⁹⁷.

A interpretação mais conhecida da presença singular dos *agudás* no contexto da África Ocidental é de Pierre Verger:

Esses africanos que tinham vivido no Brasil retornavam para a África não mais africanos tais como tinham chegado à Bahia, mas “brasileiros”, quer dizer, africanos abasileirados pelo contato com a natureza, o meio e a cultura já vigorosamente mestiça desta parte da América.... Esses africanos e descendentes de africanos, tendo vivido no Brasil, principalmente na Bahia, voltaram para a África com costumes, hábitos, modos de vida que tinham adquirido em terra estrangeira aos quais se tinham ligado para sempre. Eles retornavam à África abasileirados, abaianados, aportuguesados nos seus diversos hábitos, gostos, costumes, e até mesmo nos vícios... perpetuaram na África devoções como a do Senhor do Bonfim e festas, com danças, cantos, muito brasileiras⁹⁸.

Referindo-se à documentação deixada pelo Pe. Pierre Bouche em 1868, Verger destaca a importância da presença de tradições brasileiras na África Ocidental.

A descrição do Pe. Bouche mostra a fidelidade dos “brasileiros” aos costumes da Bahia, fidelidade que conservaram até hoje. Não se trata do boi e do burro a assistir ao nascimento de

⁹⁶ Cf. FERREIRA, Jurandir Pires. *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*. Rio de Janeiro: IBGE, 1958.

⁹⁷ GURAN, Milton. *Agudás – Os “Brasileiros” do Benin*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. p. 127.

⁹⁸ VERGER, Pierre. *Fluxo e Refluxo do tráfico de escravos entre o golfo do Benin e a Bahia de Todos os Santos: dos séculos XII a XIX*. São Paulo: Corrupio, 1987, p. 600.

Cristo, mas de costumes que existem ainda hoje na Bahia e em Pernambuco e, na África, em Porto Novo, Uidá e Lagos: são diversões chamadas Bumba-meu-boi ou Burrinha. Ainda existem sociedades de brasileiros naquelas cidades africanas. A de Porto Novo, cujo presidente, Casimiro de Almeida, é neto de Joaquim d'Almeida, celebra a Festa do Bonfim todos os anos, no terceiro domingo seguinte ao dia de Reis, exatamente como na Bahia. Depois da missa, à qual assistem todos os membros da confraria do Senhor do Bonfim, cada um dos membros trazendo sobre o peito, em diagonal, uma faixa verde e amarela, organizam um pique-nique, durante o qual as diversas famílias de "brasileiros" fazem refeição composta de pratos com receitas trazidas por seus avós: feijão de leite, moqueca de peixe, pirão, feijoada... O almoço é seguido de samba dançado como na Bahia, ao som de pandeiros e com palmas ritmadas⁹⁹.

Segundo ainda Verger, celebrava-se na véspera a festa da burrinha. A interpretação do etnólogo é categórica:

Esse fenômeno de fidelidade é comparável ao dos descendentes de africanos que, na Bahia, continuam a celebrar o culto dos deuses levados pelos seus ancestrais do golfo de Benin e cantam em iorubá os mesmos cânticos da África¹⁰⁰.

Os antigos escravos que retornaram à África tinham diferentes origens étnicas e só estavam unidos pelo passado comum vivido no Brasil. O que os unia era a memória comum de uma experiência social vivida. Essa memória se traduzia e tomava corpo através de práticas culturais, que configuravam toda uma maneira de ser¹⁰¹.

A inserção dos ex-escravos na sociedade global, enquanto cidadãos, ocorre por meio da sua identificação com os membros da colônia brasileira, reconhecida por todos os atores sociais envolvidos, que costumam chamar indistintamente tanto uns quanto outros de *agudás*. Antigos traficantes e os ex-escravos superaram socialmente a contradição entre as suas condições sociais iniciais para constituir juntos um grupo social suficientemente forte para poder consolidar as vantagens econômicas e sociais já adquiridas pelos primeiros brasileiros estabelecidos na região¹⁰².

Enfim, os *agudás* tiveram que inventar um lugar para si na velha e nova sociedade. Eram, ao mesmo tempo, aqueles que já tinham sido expulsos – vendidos como escravos – e estrangeiros, já que, ainda por cima, voltaram completamente diferentes, com “maneiras de branco”. A construção de uma nova identidade social a partir da memória do tempo vivido no Brasil foi para eles o meio de se inserir nessa sociedade.

A bricolagem de uma nova identidade étnica permitiu a inserção social dos antigos escravos retornados na qualidade de cidadãos de plenos direitos. Vale destacar, de acordo com Manuela Carneiro da Cunha, que a identidade étnica se constrói a partir da diferença, ou seja, em relação ao outro. Como enfatiza a autora, ao tratar dos *agudás*:

O que se ganhou com os estudos sobre a etnicidade foi a noção precisa de que a identidade é construída de maneira situacional e por contraste, ou seja, que ela constitui uma resposta política a uma determinada conjuntura, uma resposta articulada com as outras identidades envolvidas, com as quais forma um sistema¹⁰³.

Dessa forma é possível concluir que a celebração da Festa do Bonfim significou, para os primeiros *agudás*, uma maneira através da qual foi possível explicitar publicamente os traços culturais que distinguiam sua nova identidade.

O aprofundamento do estudo sobre esses laços intercontinentais poderia permitir uma compreensão melhor do sentido da Festa do Bonfim tal como hoje se experimenta na própria Salvador, bem como qual o seu sentido como patrimônio histórico e cultural brasileiro.

⁹⁹ Idem, p. 618-619.

¹⁰⁰ Idem, p. 619.

¹⁰¹ Ver GURAN, Milton. *Agudás: os brasileiros do Benin*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 1.

¹⁰² Idem, p. 6.

¹⁰³ CUNHA, Manuela Carneiro da. *Negros estrangeiros: os escravos libertos e sua volta a África*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 206.



Festa do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.

4. A Festa do Bonfim como objeto de Registro

A Festa do Bonfim, grandiosa na organização, no número de participantes, na importância que tem para católicos e adeptos das religiões afro-brasileiras e na representatividade para a cultura baiana, não conheceu períodos de declínio, nunca deixou de ser realizada nestes mais de dois séculos de existência. Portanto, não parece haver algo que se configure como risco de extinção da festividade.

Natural que uma Festa que teve início no século XVIII e permanece plena de significados para uma sociedade, se renove. E foram muitas as transformações ao longo dos séculos. Porém, a pesquisa revelou que as homenagens ao Senhor do Bonfim não se desfizeram de suas características essenciais, pelo contrário, incorporaram-se novos elementos e agregaram-se diferentes segmentos sociais na organização e participação.

As festas são fenômenos sociais que permitem a comunicação de complexas redes de significados e símbolos entre os seus participantes, apresentando, a um só tempo, uma multiplicidade de relações religiosas, culturais, lúdicas e econômicas que a caracterizam como um *fato social total*, segundo a denominação de Marcel Mauss¹⁰⁴. A magnitude da Festa do Bonfim, como um bem cultural, reside na riqueza do conjunto de elementos presentes nas diversas manifestações culturais que ocorrem nos 11 dias de Festa. Seja nas novenas, nos Ternos de Reis, nas missas, no fluxo do Cortejo ou na Lavagem, o que se percebe é um entrelaçamento com muitos aspectos culturais da cidade, que extrapolam o universo do sagrado.

Os encontros estabelecidos no espaço festivo evidenciam que, como aponta Rita Amaral, a festa tem “a capacidade de mediar encontros culturais, absorven-

do, digerindo e transformando em pontes os opostos tidos como inconciliáveis¹⁰⁵”. Nesse sentido, a Festa do Bonfim pode ser entendida como uma expressão da síntese dos elementos advindos das diferentes matrizes culturais que constituíram a identidade miscigenada do povo brasileiro, que é reafirmada a cada ano no momento da Festa.

Em sua origem, a Festa do Bonfim era um evento exclusivamente católico, organizado por uma associação leiga, a Devoção de Nosso Senhor do Bonfim, formada em 1745 por portugueses, especialmente navegantes e comerciantes, para render homenagens ao Jesus Crucificado pelas graças alcançadas, seja uma viagem marítima bem sucedida ou uma transação comercial favorável. Através da nossa pesquisa foi possível descobrir que o Capitão Theodosio, fundador da Devoção de Nosso Senhor do Bonfim, era um importante mercador de escravos – ainda que os registros da Devoção não evidenciem sua atividade profissional. Porém, o fato do fundador do culto ao Senhor do Bonfim traficar escravos não deve ter sido visto com estranhamento pelos seus contemporâneos e irmãos de culto. Afinal, os membros da Irmandade faziam parte da elite, e a Igreja Católica não era contrária à escravidão, enquanto instituição. Além de Theodosio, outros traficantes do mesmo período tinham devoção ao Jesus Crucificado.

A Devoção do Senhor do Bonfim, a partir do enorme fluxo de doações dos devotos, pode empre-

¹⁰⁴ Sobre o conceito de fato social total consultar MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify. 2003

¹⁰⁵ AMARAL, Rita. P. 52

ender diversas obras de grande porte, como a própria construção da Igreja do Bonfim, além das casas dos romeiros e da pavimentação da Avenida Dendzeiros, e outras ruas e ladeiras de acesso à Colina do Bonfim. A Colina do Bonfim tornou-se a Colina Sagrada, um santuário de peregrinação de fieis e um lugar de memória para todos os baianos, onde passado e presente se encontram nas diversas formas de bençãos do Senhor do Bonfim. Dentro da Igreja, observamos uma bela manifestação da fé no Senhor do Bonfim, na Sala dos Milagres, com os ex-votos, uma maneira de agradecer as dádivas recebidas e obter outras graças. Nos gradis que circundam a Igreja, vemos milhares de fitinhas do Bonfim, a “medida” da fé, que muitos baianos também carregam no corpo como forma de proteção.

Mesmo sendo um culto originário dos irmãos brancos portugueses e seus descendentes, membros da elite social e política de Salvador, cerca de 50 anos depois da

instalação do culto na Bahia, no início do século XIX, a Festa do Bonfim já não era mais exclusiva de um grupo específico. As mulheres da Irmandade de São Gonçalo, com altar lateral na Igreja do Bonfim, passaram a lavar o templo com água perfumada com flores e plantas utilizadas no culto afro-brasileiro, música e dança. Com o passar do tempo essa prática se expandiu e, desde então, a Lavagem tornou-se significativa para outro grupo religioso, formado pelos adeptos do Candomblé, que fizeram da quinta-feira o dia escolhido para cultivar também Oxalá.

Entretanto, é preciso cuidado ao interpretar a relação estabelecida entre o candomblé e o catolicismo na Festa do Bonfim. Muitas vezes a imprensa, na atualidade, costuma tratar disto de forma equivocada, como se houvesse uma simbiose momentânea de convicções, crenças e procedimentos em torno do culto ao Senhor do Bonfim e Oxalá. Dá-se o mesmo com o binômio sagrado x profano. Isto vem integrar uma



Devotos fazem pedidos – Foto: Marcelo Reis, 2010.

narrativa com ares de oficialidade e, muitas vezes, com fins turísticos, que se coloca como consenso e adquiriu, nos anos 1980 e 1990, sobretudo, o nome de baianidade: a festa seria um momento em que Jesus e Oxalá entrariam em identificação. Isto é uma facilitação aos efeitos de compreender uma interação tão complexa. Jesus e Oxalá são expressões e construções da divindade reconhecida por milhares e milhares de participantes da Festa do Bonfim, e diante da qual se reconhecem como fieis. Essa interseção de traços religiosos faz da Festa do Bonfim uma encruzilhada mística, festiva e social.

O imbricamento entre práticas e convicções religiosas das duas matrizes tradicionais tem sido posta em questão, sobretudo nos círculos em que jovens afro-descendentes mantêm uma militância racionalista pela purificação dessas práticas. Uma dessas práticas era justamente a visita ao Bonfim das filhas de santo em sua iniciação. Isto acontecia em diversas casas, inclusive no terreiro do Gantois,¹⁰⁶ tal como se encontra documentado por Ruth Landes (1994). Mesmo diante da crítica de alguns setores mais intelectualizados do candomblé, milhares de adeptos dessa religião continuam participando da Festa do Bonfim como uma festa também sua.

Durante os trabalhos da equipe que preparou este Dossiê, foi possível ver, numa das noites do novenário e no dia da missa do domingo da festa de 2010, um grupo de filhos de santo que adentrou o santuário com roupas rituais. Em ambas as ocasiões, uma dessas pessoas encontrava-se em estado psíquico alterado, ainda que não propriamente manifestada, cuidadosamente rodeada pelos irmãos de santo. De forma muito respeitosa, assistiram toda a novena e a missa sem, entretanto, comungar. Uma cena assim vem confirmar o que foi dito sobre a interseção entre as duas matrizes religiosas.

Outro fator interessante que a investigação para a elaboração desse Dossiê pode proporcionar foi a revelação da preparação ritualística da água de cheiro, pelas mães e pais de santo, para a Lavagem das escadarias da Igreja do Bonfim. O ritual de preparo tem início a partir da seleção dos ingredientes até a sua elaboração, já que a utilização da água de cheiro está atrelada a um rito de purificação da alma, associado ao Culto de Oxalá.

Por diversas vezes, o clero católico, insatisfeito com essa mistura de crenças, tentou proibir a realização das lavagens das igrejas durante as festas dos seus padroeiros. Em 1889, o arcebispo dom Luís Antônio dos Santos

proibiu, por meio de Portaria, as lavagens nas igrejas da capital. As portas da Igreja do Bonfim foram fechadas, mas as baianas continuaram lavando o adro e a escada do templo e fazendo do Cortejo, que sai da Igreja da Conceição da Praia, uma importante romaria de devotos de diferentes lugares de moradia, classes sociais e crenças religiosas, unidos para festejar Jesus e Oxalá, render graças a Deus e expressar agradecimento aos seus intermediários.

Quando a pesquisa foi iniciada, em 2009, tivemos a surpresa e o privilégio de acompanhar outra significativa mudança. Na quinta-feira da Lavagem, o Pe. Edson, com o apoio da arquidiocese, o então arcebispo Dom Geraldo Magella e os membros da Devoção de Nosso Senhor do Bonfim, levou a imagem peregrina do Senhor do Bonfim até uma das janelas da igreja para abençoar os fieis e participantes da festa. Se ainda não foi possível abrir as portas do templo aos devotos nesse dia, o ato foi uma tentativa de minimizar os efeitos da proibição do final do século XIX. Demonstra a intenção de algumas autoridades eclesásticas de reconhecer que a vivência religiosa dos baianos é plural e promover a tolerância religiosa.

Toda festa, por mais programadas que sejam nunca se desenrolam da forma precisa como pensada pelos seus promotores. Dentro da programação oficial existem várias festas, uma vez que os participantes fazem apropriações diversas, criam e introduzem novos elementos, retiram outros, proporcionando um eterno reinventar festivo. Nessa dinâmica, há sempre uma correlação de forças estabelecida entre esses atores sociais, ainda que isso não apareça de forma explícita, já que há interesses distintos em jogo na introdução ou manutenção de novos elementos festivos.

Podemos ver isso claramente nas mudanças que ocorrem na Festa do Bonfim ao longo dos seus mais de dois séculos de existência. Todas essas mudanças evidenciam a vitalidade dessa manifestação religiosa e cultural. Elas acompanharam as principais transformações religiosas, sociais e políticas da sociedade baiana. No século XX, observa-se a Festa enquanto elemento formador de identidades, momento de visibilidade para os diversos grupos políticos e espaço apropriado para o desenvolvimento turístico de Salvador.

¹⁰⁶ O terreiro do Gantois, localizado em Salvador, foi o tombado pelo IPHAN em 2002, Processo nº 1471-T-00.

FESTA DO BONFIM: A MAIOR MANIFESTAÇÃO RELIGIOSA POPULAR DA BAHIA



Participantes na Festa – Foto: Voltaire Fraga, 1950



Participantes na Festa do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010



Participantes na Festa do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010

A Festa do Bonfim envolve grande parte da população de Salvador, além de algumas cidades e ilhas do Recôncavo. Funciona praticamente como um feriado informal na cidade, por conta da mobilização gerada em torno dela. A Festa do Bonfim pode ser vista como uma estratégia pela qual a cidade se vê, se reúne consigo mesma, se dimensiona, entra em euforia com suas dimensões, regozija-se com sua extensão crescente. Afinal, a cidade de Salvador tem um Bom Fim.



Participantes na Festa do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010

A Festa do Bonfim é uma grande manifestação religiosa da Bahia. Mas é muito mais que isso, sendo compreendida como um momento ansiosamente esperado para se desenvolvem laços de sociabilidade e reafirmar a fé. Muitas pessoas frequentam a Festa do Bonfim como uma missão familiar. Isso é visível nos participantes dos Ternos de Reis e entre muitas baianas que receberam como herança o hábito de participar da Festa. É comum ouvir frases como: “Quanto eu era pequena, vinha com minha avó. Hoje, trago minha neta e, um dia, ela vai trazer a neta dela. Faço qualquer sacrifício para estar aqui a cada ano. E o Senhor do Bonfim abençoe a nós todos”. Participar da Festa é uma tradição e uma maneira de afirmar o pertencimento naquela estrutura familiar e comunitária, na medida em que os laços e tradições são reinterados.

Fica clara a aproximação entre o divino e os homens no momento em que os participantes afirmam que o Senhor do Bonfim é baiano e padroeiro da Bahia, ainda que oficialmente Nossa Senhora da Conceição seja a padroeira do estado da Bahia e São Francisco Xavier seja o padroeiro da cidade de Salvador. Verificamos, portanto um processo de identificação do povo com o



Festa do Bonfim – Foto: Marcelo Reis, 2010.

Senhor do Bonfim, o que atesta a importância da dimensão simbólica dessa Festa para os baianos.

A Festa do Bonfim realizava, décadas passadas, o tipo de confraternização que a mídia identifica, hoje, com a passagem de ano. O que hoje se chama Réveillon era uma “festa de bacanas”; para a maioria dos soteropolitanos, havia, no entanto, no máximo, uma rápida comemoração no final da última noite do ano. Na manhã do primeiro dia do ano seguinte, os filhos cumprimentavam os pais pedindo-lhe a bênção. A comemoração do Ano Novo era, na verdade, a Festa da Boa Viagem, no dia primeiro de janeiro, seguida pela Festa da Lapinha, no dia 6 de janeiro, e da Festa do Bonfim, na segunda quinta-feira após a Festa da Lapinha. Enquanto o Natal era uma festa mais intimista, privilegiando-se os valores da família nuclear ampliada, essas festas eram a comemoração ruidosa e muito participada de muitos milhares de pessoas, sobretudo da população pobre, negra e mestiça de Salvador.

O que parece mais interessante é ver como a Festa vem se tornando, cada vez mais, uma festa de massas.

Arrefeceu-se o caráter comunitário, diminuiu consideravelmente o número das pessoas com as cadeiras às portas, as famílias recebendo uma porção de amigos, parentes, conhecidos para comer feijoada, os passeios das famílias pelas barracas. A Bahia de Jorge Amado, Dorival Caymmi, Carybé, Voltaire Fraga e Pierre Verger, em que a convivialidade baseada na proximidade e na interação constante pela conversa e pelo contato direto, deu lugar a uma cidade de três milhões de habitantes em que o conhecimento é muito mais mediatizado, inclusive os contatos humanos. O que temos agora é uma cidade que faz festas de massas. Nessas festas, os indivíduos e grupos descobrem ou inventam estratégias de se identificar, de não se perder.

Portanto, o inventário da Festa do Bonfim e o Dossiê podem contribuir para recompor a memória, organizar e realizar o evento anual, preservando, assim, os elementos constitutivos e bens culturais associados à Festa.

No contexto das Festas de Largo que ocorrem em Salvador durante o verão, a Festa do Bonfim se destaca como a mais relevante para os baianos, enfrentando, porém, alguns problemas, como foram indicados ao longo do Dossiê. O Registro da Festa como patrimônio cultural brasileiro e a sua salvaguarda são fundamentais para a manutenção da Festa do Bonfim, e podem proporcionar a melhoria nas condições sociais e materiais de transmissão e reprodução dos elementos que possibilitaram a sua existência.



Festa do Bonfim – Foto: Pierre Verger, 1959

5. Recomendações de salvaguarda

A Festa não corre risco de desaparecimento, mas existe a necessidade de ações de salvaguarda, seja no aspecto religioso, seja no cultural. Recomendamos a adoção de medidas que possam garantir a continuidade da Festa do Bonfim, com a preservação dos seus elementos mais significativos. Pensamos que as medidas de salvaguarda vão muito além de apoio financeiro; somente isso não é suficiente. É necessário pensar a Festa como um todo, sem perder de vista os detalhes que a caracterizam. Ou seja, é uma festa de grande porte, pois envolve milhares de pessoas vindas de todas as partes da cidade e do Estado, e que, portanto, precisa de uma organização adequada à sua escala. No entanto, não se devem esquecer os diferentes grupos que fazem a Festa, pois eles precisam de um apoio específico e individualizado.

Três elementos merecem medidas de salvaguarda de caráter emergencial: a participação dos Ternos de Reis, das baianas e dos jegues durante o Cortejo.

Outrora eram inúmeros os grupos de Ternos de Reis que abrilhantavam a noite de sábado da Festa, se apresentando com ricas indumentárias e variado repertório musical, em frente à Igreja do Bonfim. Atualmente, o número desses grupos é bastante reduzido, o que acentua a necessidade de medidas de salvaguarda para os Ternos.

A estrutura oferecida aos Ternos de Reis, para as suas apresentações durante a programação da Festa, é insuficiente. A montagem do palco pela Prefeitura de Salvador nem sempre é previamente garantida e, no momento das apresentações, a iluminação é muito precária. Destacamos a necessidade de proporcionar boas condições e visibilidade a essa manifestação cultural, já que as condições atuais indicam riscos à continuidade das apresentações dos Ternos de Reis.

Sugerimos que as apresentações dos Ternos de Reis sejam também itinerantes, como em épocas passadas, e aconselhamos, também, a realização de encontros para a formulação de estratégias que promovam a realização dos Ternos de Reis, de concursos e apresentação em outras festas populares da cidade, garantindo, assim, que essa tradição se transfira para as próximas gerações.

As baianas que abrem o Cortejo da Lavagem, na quinta-feira, também merecem um cuidado especial. O grupo dita o ritmo e a animação do percurso do Cortejo. A Lavagem do adro da Igreja do Bonfim, por elas realizada com Axé e água de amaci, é o ponto alto da Festa. Entretanto, é preciso preparação e organização para esse momento. As roupas brancas, bordadas, rendadas e engomadas, bijuterias, adereços, flores e vasos têm um alto custo. Muitas mulheres, por maior devoção que tenham a Cristo e Oxalá, não dispõem de condições financeiras para arcar com essas despesas. Além disso, muitas vezes o trajeto desde suas casas localizadas nas ilhas, cidades do Recôncavo ou na periferia de Salvador, até a concentração em frente à Igreja da Conceição da Praia, é muito maior que aquele percorrido por todos os participantes.

Para as baianas, sugerimos o fornecimento de ajuda de custo e o transporte até a Igreja da Conceição da Praia, para o início do Cortejo, e da Igreja do Bonfim até as suas casas. As baianas mais idosas, que não conseguem mais percorrer o Cortejo, e que desde as primeiras horas do dia ficam sentadas, sob o sol quente, nas escadarias da Igreja do Bonfim, aguardando a chegada do Cortejo, precisam igualmente de atenção especial. É fundamental garantir água e sombreros a essas mulheres. Sugerimos ainda, a formação de um

fórum para que as baianas que participam do Cortejo, juntamente com a Associação de Baianas de Acarajé, Mingau, Receptivos e Similares (ABAM), possam discutir o uso da indumentária, das baianas que participam da Lavagem do Bonfim, suas necessidades e as principais questões que envolvem a participação no Cortejo e na Lavagem.

É preciso também cuidar dos jegues que participam tradicionalmente do Cortejo desde o século XIX. Em 2011, a participação dos jegues no Cortejo do Bonfim foi proibida pela liminar do juiz Rui Eduardo Brito da 6ª Vara Pública do Tribunal de Justiça da Bahia, que atendeu a uma ação civil pública ajuizada pela subcomissão de proteção aos animais da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), seção Bahia, e pelas ONGs Terra Verde Viva e Célula-Mãe. Devem-se, entretanto, estudar medidas que permitam o retorno da participação dos jegues, com segurança, já que a apresentação

deles é um importante e tradicional elemento da Festa do Bonfim.

Sugerimos como medida de salvaguarda, para a continuidade da participação dos jegues no Cortejo, que seja solicitada a orientação dos grupos de proteção aos animais para que eles indiquem de que forma os jegues poderiam continuar participando, sem que esses animais sofram maus tratos, ou seja, que sejam garantidas as condições de alimentação, água e repouso dos jegues e que, efetivamente, exista uma fiscalização eficiente do cumprimento da lei de proteção aos animais.

Uma festa que atrai milhares de pessoas num único dia, o da Lavagem, que tem um percurso oficial com cerca de 8 quilômetros, além das áreas adjacentes – porto, praças, ruas e ladeiras – que são pontos de chegada de grupos vindos de cidades do Recôncavo e de toda a cidade do Salvador, enfrenta muitos problemas de organização.



Jegue enfeitado no Cortejo – Foto: Voltaire Fraga, 1950.

A Festa do Bonfim é, portanto, um desafio em termos de gestão. As multidões de soteropolitanos e visitantes maduros que continuam a participar da Festa, bem como jovens e adolescentes que começam a dela fazer parte, acreditam no seu sentido. Isto deveria merecer, dos responsáveis pela administração pública da cidade, um olhar mais atento e um planejamento cuidadoso. Conversando longamente com participantes da Festa e com diversos tipos de profissionais envolvidos na sua realização, constatamos que este desafio é proporcional ao tamanho da festa.

Durante as entrevistas foi perceptível a total insatisfação com os meios de transporte ofertados à população durante esse dia. Findo o Cortejo das baianas, seria possível manter o trânsito de coletivos que permitisse aos participantes ir e vir de diversos pontos da cidade, mas isto não acontece. Este item é um dos mais comentados pelos turistas, que precisam ficar horas à espera de uma condução para o local de hospedagem. Recomendamos que seja feito um planejamento mais eficiente dos meios de transporte coletivos, para se garantir o bom fluxo de participantes ao Cortejo, e principalmente, o ponto mais crítico, o retorno às suas casas no final dia.

Outro problema, não menos desafiante, é a violência. Todos os policiais entrevistados dizem que a Festa do Bonfim, especialmente no dia da Lavagem, é a mais difícil de administrar entre as festas populares de Salvador. Segundo eles, a associação entre os fatores álcool, drogas, som alto, sol intenso e longo percurso contribui para desencadear agressões e dificultar o policiamento. Isto desencoraja a frequência da população mais idosa à Lavagem, assim como estorva a própria fruição da festa pelos que aí estão. Sugerimos que seja reforçada, ainda mais, a segurança da Festa.

Como foi evidenciado no Dossiê, a Festa do Bonfim tem na música uma das suas principais referências. A novena, cantada em latim e executada por orquestra e coral, foi registrada em CD, assim como os dois hinos. Contudo, é preciso pensar na música profana em que o samba de roda, patrimônio cultural, e as danças que caracterizam os festejos. Muitos são os grupos que acompanham o Cortejo. Houve, entretanto, uma diminuição da participação dos grupos de samba de roda, musicalidade símbolo da festa. Sugerimos o apoio à participação desses grupos para que eles possam retornar, em maior número e de forma organizada, ao Cortejo.

Durante a observação participante nos três últimos anos, percebemos o descaso com a música executada no alto-falante da Igreja antes da chegada do Cortejo. Eram, em sua grande maioria, canções do ciclo natalino que nada têm a ver com a festividade. Indicamos que seja feita uma programação de um repertório de músicas que valorizarem o hino ao Senhor do Bonfim e os inúmeros sambas conhecidos por todos, em homenagem ao Bonfim.

Há, ainda, um sério problema de poluição sonora que ocorre durante a Festa. Mesmo depois de proibidos os trios elétricos, no dia da Lavagem, outros veículos continuaram a participar do Cortejo com volumes de som elevadíssimos. Eram peruas e vans que faziam publicidade de sindicatos, associações, grupos de militância como ambientalistas, blocos de Carnaval, etc., que preenchiam o espaço sonoro tanto quanto os grandes trios elétricos de antigamente. As próprias barracas, em alguns lugares, usam o som muito alto, chegando a inviabilizar, no sábado a noite, a audição dos Ternos de Reis a 200 metros de distância. Recomendamos uma fiscalização da poluição sonora durante a Festa.

Outro aspecto que precisa ser cuidado é a divulgação da Festa do Bonfim, não apenas no aspecto do sincretismo religioso, que já é bastante explorado pela mídia, mas em outros aspectos presentes na Festa. Para isso, indicamos a promoção de ações de educação patrimonial, tanto na educação formal, por meio das escolas, como também nas comunidades e paróquias envolvidas.

Sugerimos, a exemplo do que ocorreu nas décadas de 50 e 60, a criação de selos comemorativos e cartões postais em homenagem à Festa do Bonfim, com o intuito de valorizar e divulgar essa importante manifestação cultural da Bahia.

Por fim, recomendamos para iniciar a sistematização das políticas de salvaguarda, consideradas pertinentes à realização dessa festa, a criação de um fórum ou seminário que reúna representantes de todos os segmentos que participam da festa (Irmandade, representantes da Igreja, Ternos de Reis, grupos de samba de roda, filarmônicas, afoxés, baianas, federações e associações que congreguem casas de cultos afro-brasileiros, representantes de terreiros de candomblé, capoeiristas, ambulantes e os diversos grupos culturais) para que eles exponham suas questões e necessidades, e que, a partir de uma reflexão conjunta, sejam formuladas políticas públicas para a salvaguarda da Festa do Bonfim.



Fontes

- ♦ Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB)
 1. Setor de arquivos privados - fotografias do Bonfim;
 2. Setor Colonial - Seção de arquivos coloniais e provinciais. Inventário dos documentos do Governo da Província – II Parte.

- ♦ Arquivo da Devoção do Senhor do Bonfim – ADSB
Atas de reuniões da Devoção – séculos XIX e XX;
Correspondências da Mesa Administrativa da Devoção;
Programações das festas do Senhor do Bonfim.

- ♦ Bahiatursa
Coleção de fotografias (2006-2009)

- ♦ Biblioteca Central do Estado da Bahia (BPEB)
Setor de jornais e periódicos
Jornal Correio da Bahia (2000-2009)
Jornal A Tarde (2000-2009)

- ♦ Biblioteca do Mosteiro de São Bento (BMSB) - Salvador-Ba
COLEÇÃO de obras de D. Romualdo Antonio de Seixas. Pernambuco, 1839.

- ♦ Museu Temporal de Salvador

- ♦ HABSBURGO, Maximiliano de. **Bahia, 1860:** esboços de viagem. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1982.

- ♦ Laboratório Eugênio Veiga (LEV-UCSAL)
 1. Estatutos da Devoção do Senhor Bom Jesus do Bonfim de 1944 e 1955.
 2. Documentos sobre eleição da Devoção (décadas de 1930, 1940, 1950 e 1960-avulso).
 3. Documento sobre a saída da imagem do Senhor do Bonfim à Igreja da Conceição da Praia de 1942.
 4. Termo de Compromisso da irmandade do Senhor Bom Jesus do Bonfim de 1878.
 5. Documentação manuscrita sobre alteração de alguns artigos do Compromisso de 1882.





Referências

- ABREU, Martha. **O império do divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro (1830-1900)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- AMADO, Jorge. **Bahia de todos os Santos. Guia de ruas e mistérios**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1945.
- AZZI, Riolando. **O Catolicismo Popular no Brasil: aspectos Históricos**. Petrópolis: Vozes, 1978.
- ANais do Arquivo Público da Bahia sob a direção de Alfredo Vieira Pimentel. Volume XXIX (1943). Bahia, Imprensa Oficial, 1946.
- CACCIATORE, Olga. **Dicionário de cultos afro-brasileiros**. Rio de Janeiro: Forense Universitaria, 1988.
- CARNEIRO, Edison. **A sabedoria popular**. Apresentação e notas de Raul Lody. 3 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008
- CARVALHO FILHO, José Eduardo Freire de. **A devoção do Senhor J do Bom-Fim e sua História**. Salvador: Typ. de São Francisco, 1923
- COUTO, Edilece Souza. **A Puxada do Mastro: transformações históricas da festa de São Sebastião em Olivença (Ilheus-BA)**. Ilheus: Universidade Livre do Mar e da Mata, 2001.
- _____. **Tempo de festas: homenagens a Santa Barbara, N. S. da Conceição e Sant'Ana em Salvador (1860-1940)**. Tese de Doutorado em História - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista – UNESP, Assis-SP, 2004.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. **Negros estrangeiros: os escravos libertos e sua volta à África**. São Paulo: Brasiliense, 1985
- DEL PRIORE, Mary. **Festas e Utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000
- DEVOÇÃO de um povo: dois séculos e meio. Salvador: Devoção do Senhor do Bonfim, 1995
- ESPIRITO SANTO, Moises. **A religião popular portuguesa**. Lisboa: Assirio & Alvim, 1990.
- FERREIRA, Ana Débora Alves. **Trocando em miúdos a “Medida do Bonfim”**. Anais do I Enecult, 2003.
- FERREIRA, Jurandir Pires. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE, 1958.
- FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.) **Entre-vistas: abordagens e usos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1994.
- FERRETTI, Sergio F. **Sincretismo Afro-Brasileiro e Resistência Cultural**. Trabalho apresentado na Mesa Redonda Reafricanização e Sincretismo no V. Congresso Afro-Brasileiro realizado em Salvador entre 17 e 22 de agosto de 1997.
- FERREZ, Gilberto. **Bahia: velhas fotografias (1858-1900)**. Rio de Janeiro: Kosmos Ed. 1988.
- FESTAS, Ritos, Celebrações. **Revista Projeto História**. São Paulo: Programa de Estudos Pós graduados em História da PUC-SP/ Educ, nº28, 2004.
- FRANÇA, Rosa Alice. **As Cores do Bonfim**. Salvador, 2003
- GASPAR, Eneida. **Guia das Religiões Populares do Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2002
- GROTELEARS, Martien M. **Quem é o Senhor do Bonfim: o significado do Senhor do Bonfim na vida do povo da Bahia**. Rio de Janeiro. Petrópolis: Vozes, 1983
- GUERRA, Enéas (org.) **Carybé & Verger - Gente da Bahia**. Salvador: Fundação Pierre Verger e São Paulo: Solisluna Design e Editora, 2008.

GUIMARÃES, Eduardo Alfredo Morais. **Religião Popular, Festa e o Sagrado**: Catolicismo popular e afro-brasilidade na festa do Bonfim. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Salvador: UFBA, 1994.

GUIMARÃES, Eduardo Alfredo Morais. **Uma viagem ao Bonfim: estudo de um ritual**. Trabalho de conclusão de curso em Antropologia – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFBA, Salvador- Ba, 1987

GURAN, Milton. **Agudás – Os “Brasileiros” do Benin**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2000. P. 127.

HABSBURGO, Maximiliano de. **Bahia, 1860**: esboços de viagem. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1982.

JANCOS, Istvan; KANTOR, Iris (Orgs.). **Festa**: cultura e sociabilidade na America Portuguesa. São Paulo: Hucitec; Edusp; FAPESP; Imprensa Oficial, 2001, 2 v.

LANDES, Ruth. **A cidade das mulheres**. Trad. Maria Lúcia do Eirado Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, p. 100.

LIMA, Zelia Jesus de. **O papel das Baianas (Entidades do Candomblé) no Cortejo da Festa do Bonfim associado à publicidade**. In: Anais do Encontro Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades e Deslocamentos. 23 a 26 de agosto de 2010.

LISBOA JUNIOR, Luis Américo. **A Presença da Bahia na Música Popular Brasileira**. Brasília: Musimed/ Sobrindes, 1990.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify. 2003

MORAIS FILHO, Melo. **Festas e tradições populares do Brasil**. Rio de Janeiro: Brasiliense.

MOURA, Milton. **Carnaval e Baianidade**. Arestas e Curvas na Coreografia de Identidades do Carnaval de Salvador. Tese de Doutorado em Comunicação e Culturas Contemporâneas, UFBA, 2001.

MOURA, Milton. **A ilha, o Carnaval e o Brasil. Breve estudo sobre o Carnaval de Gameleira no**

contexto dos Carnavais brasileiros. Revista O Olho da História. n. 14, Salvador (BA), junho de 2010

NASCIMENTO, Mara Regina do. **Irmandades leigas em Porto Alegre: práticas funerárias e experiências urbanas – séculos XVIII e XIX**. Porto Alegre: UFRGS, 2006. (tese de Doutorado em História)

OLIVEIRA, José Claudio Alves de. **Santuário do Senhor do Bonfim. Ex-votos, patrimônio cultural e fé**. In: Revista Eletrônica de Turismo Cultura, nº 01, abril, 2007

OTT, Carlos. A transformação do culto da morte da Igreja do Bonfim em santuário de fertilidade. **Revista Afro-Ásia**. Salvador: CEAO, no 8-9, 1969.

OZOUF, Mona. A festa: sob a Revolução Francesa. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, p. 216-232, 1988.

PEQUENO guia das igrejas da Bahia X Igreja do Bonfim. Salvador. Artes Graficas, 1951.

PRIORE, Mary Del. **Festas e utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

QUERINO, Manoel. **A Bahia de outrora**. Salvador: Progresso, 1946.

PEQUENO guia das igrejas da Bahia X Igreja do Bonfim. Salvador. Artes Graficas, 1951.

REIS, J. J. **A Morte é uma Festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991

REIS, João J. **De olho no canto: trabalho de rua na Bahia na véspera da abolição** In: Revista Afro-Ásia, nº 24, 2000

RISERIO, Antonio. **Carnaval: As cores da mudança**. In: Revista Afro-Ásia, Nº 16, 1995.

RODRIGUES, Jaime. Cultura marítima: marinheiros e escravos no tráfico negro para o Brasil (secs. XVIII E XIX). **Revista Brasileira**

SANTANA, Mariely Cabral de. **Alma e Festa de uma Cidade**, Salvador: EDUFBA, 2009

SANTANA, Mariely Cabral de. O Lugar da Devoção: Materialização da Fe na Colina do Bom-Fim. In: **VIII Simpósio da Associação Brasileira de História das Religiões**. São Luis-MA: ABHR, p.1-10, 2006.

SERRA, Ordep. **Rumores de Festa: O sagrado e o Profano na Bahia**. Salvador: Edufba, 2009.

SOUZA, Laura de Mello e. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz: Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987

SOUZA, Marina de Mello e. **Parati: a cidade e as festas**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Tempo Brasileiro 1994.

TAVARES, Odorico. **Bahia: Imagens da terra e do povo**. Salvador: Ed. José Olympio, 1951

TEIXEIRA, Cid. **Bahia em tempos de província**. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1985.

TINHORÃO. **História Social da Música Brasileira**. São Paulo: Ed. 34, 1997

TORRES, Carlos. **Bahia Cidade Feitiço: roteiro turístico**. Salvador: Ed. Mensageiros da Fé. 1973.

VERGER, Pierre. **Fluxo e Refluxo do tráfico de escravos entre o golfo do Benin e a Bahia de Todos os Santos: dos séculos XII a XIX**. São Paulo: Corrupio, 1987

VERGER, Pierre. **Retratos da Bahia: 1946 a 1952**. 3 ed. Salvador: Corrupio, 2002

VIANNA, Antonio. **Quintal de nagô e outras crônicas**. Salvador: UFBA / Centro de Estudos Baianos, 1979.

VIANNA, Hildegardes. **Calendário oficial de festas populares da cidade do Salvador**. Salvador: Prefeitura Municipal, 1983.

VOVELLE, Michel. **Ideologia e Mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 1991